Museu do Rio São Francisco — Projeto conceitual

Bom Jesus da Lapa, outubro de 2026 · Gabriel Carneiro

Apresentação

O Museu do Rio São Francisco será uma instituição pública, sediada em Bom Jesus da Lapa, dedicada à história, à geologia, à natureza, à cultura e à antropologia do Médio São Francisco. Seu percurso conta o rio da formação das rochas ao presente, em 19 eixos temáticos, e termina na pergunta sobre o seu futuro.



Bom Jesus da Lapa em 1868: considerada a primeira fotografia da cidade, por Augusto Riedel. Coleção D. Pedro II, Biblioteca Nacional / Library of Congress, domínio público.

Por que na Lapa. A cidade fica no centro do Médio São Francisco, entre Carinhanha e a Barra. Recebe uma das maiores romarias do país, o que garante um público vindo de todo o Nordeste. Foi também ponto de passagem de quase todos os viajantes e cientistas que descreveram o rio no século XIX.

Missão. Guardar e explicar a memória do vale, para que o morador se reconheça nela e o visitante entenda o rio que atravessa.

Públicos.

- Estudantes da rede pública da região, com roteiros por série escolar
- Romeiros e turistas, com uma visita curta de 40 a 60 minutos
- Pesquisadores, com acesso ao acervo documental e à biblioteca

- Comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas, como parceiras na curadoria das salas que falam delas

Referência. O modelo é o Museu da Natureza, em São Raimundo Nonato (PI): salas temáticas em sequência, com tecnologia interativa e forte vínculo com o território. Como ele, o Museu do Rio São Francisco será também um museu de natureza, e não só de história: geologia, águas, fauna e flora ocupam o primeiro núcleo e voltam no último.

Percurso expositivo

O visitante caminha em ordem cronológica, do tempo geológico ao presente, em seis núcleos com 19 eixos.

Núcleo	Eixos	Tempo
I. O vale antes do homem	1. Geologia · 2. Fauna e flora	Centenas de milhões de anos até hoje
II. Os primeiros povos	3. Pré-história e arte rupestre · 4. Povos indígenas	Milhares de anos até o século XVI
III. A conquista e o Rio dos Currais	5. Casa da Torre e missões · 6. Rio dos Currais, tropeiros e vilas	Séculos XVI a XVIII
IV. Navegar e conhecer o rio	7. Embarcações, carrancas e vapores · 8. Viajantes, cientistas e fotografia	Séculos XVIII a XX
V. Viver no rio	9. Saúde e endemias · 10. Romaria da Lapa · 11. Quilombos · 12. Economia · 13. Poder e política · 14. Literatura e música · 15. Folclore	Séculos XVII a XX
VI. O rio transformado	16. Ferrovias e integração nacional · 17. O rio que subiu: Sobradinho e a Serra do Ramalho · 18. Crise hídrica · 19. Futuro e espeleologia	Século XX até hoje

Uma sala transversal de fotografia histórica acompanha os núcleos IV a VI, como pediu o áudio.

Núcleo I e II — Do mar antigo aos primeiros povos

1. Geologia: um rio feito de um mar e de um deserto

O morro da Lapa e as grutas da Serra do Ramalho são calcário do Grupo Bambúi, sedimento de um mar raso que cobriu o centro do Brasil há cerca de 600 milhões de anos. Muito depois, no Cretáceo, um deserto de dunas deixou no oeste baiano os arenitos do Grupo Urucuia. Hoje esse arenito guarda o Aquífero Urucuia, que alimenta na seca o Grande, o Corrente e o Carinhanha e, por eles, o São Francisco.

Um rio, três biomas. O São Francisco nasce na Serra da Canastra, em São Roque de Minas (MG), e corre cerca de 2.800 km até o Atlântico, na divisa de Alagoas com Sergipe. Contado a partir das nascentes do rio Samburá, como propôs a Codevasf em 2002, são 2.863 km. A bacia tem 639 mil km², 8% do território nacional.

O rio nasce no Cerrado, que ocupa cerca de metade da bacia, com fragmentos de Mata Atlântica nas cabeceiras. Depois entra no Semiárido, que cobre 54% da bacia, e atravessa a Caatinga até o baixo curso,

onde encontra o estuário (o Comitê da Bacia conta este como um quarto ambiente). O Médio São Francisco, trecho da Lapa, fica todo na Bahia e equivale a 39% da bacia.

Como o rio se formou. O São Francisco corre para o norte numa longa depressão entre a Serra do Espinhaço, a leste, e os chapadões do oeste baiano, sobre as rochas antigas do Cráton do São Francisco. Parte dos geólogos defende que, no Cretáceo, o baixo curso seguia para o norte antes de virar para leste, rumo à foz atual; a hipótese deve ser confirmada com um geólogo antes de ir para o painel. A sala explica como um rio nascido no Cerrado mineiro cruza o sertão sem secar.

A margem oriental: a Serra do Espinhaço. Da Lapa, num dia limpo, vê-se a leste a linha azulada da Serra do Espinhaço, que no sertão baiano também se chama Serra Geral. Ela fecha o vale do Médio São Francisco pela margem direita e faz parte do território do rio: dela descem os rios e riachos que alimentam essa margem. O nome Serra Geral também designa a escarpa dos chapadões do oeste, na divisa com Goiás, e os painéis devem deixar clara a diferença.

A serra começou a se formar há cerca de 1,75 bilhão de anos, quando a Terra só tinha micróbios. O continente se esticou e rachou, num rifte com vulcões; no vale que se abriu acumularam-se areias de rio e de duna e lamas de mar raso, numa pilha de mais de 5 mil metros, que o peso e o calor transformaram em quartzito. O rasgo não chegou a partir o continente: os geólogos o chamam de aulacógeno do Paramirim, e dele nasceram, como irmãos, o Espinhaço e a Chapada Diamantina.

No fim do Neoproterozoico, há cerca de 600 milhões de anos, a colisão dos continentes que formaram o Gondwana dobrou e ergueu essas camadas. A mesma colisão fechou o mar raso onde se depositou o calcário do Grupo Bambuí, o do morro da Lapa. Depois, meio bilhão de anos de erosão deixou o quartzito de pé, como uma espinha dorsal, e rebaixou o calcário em planície, grutas e morros isolados.

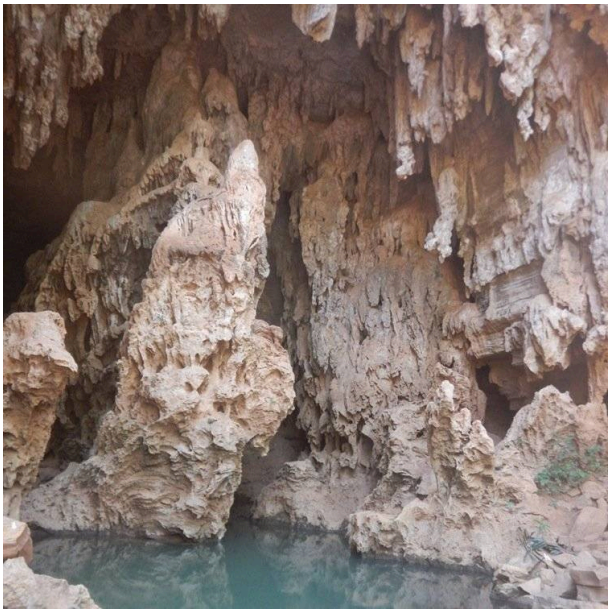
Vista da Lapa, a paisagem reúne três capítulos da história da Terra: o Espinhaço a leste, com 1,75 bilhão de anos; o morro da Lapa no meio, fundo de mar de uns 600 milhões de anos; e os chapadões de arenito Urucuia a oeste, deserto do tempo dos dinossauros. Da serra vêm também o urânio de Lagoa Real, em Caetité, as ametistas de Brejinho das Ametistas e os diamantes da Chapada.

- Maquete em corte: mar Bambuí, deserto Urucuia, aquífero e rio
- Amostras de calcário, arenito, quartzito e itacolomito, com as descrições de Halfeld
- Painel: “de onde vem a água do rio na seca”
- Mapa dos três biomas, da Canastra à foz, com solos e plantas de cada um
- Os “corais” de Derby (1880): painel sobre a primeira datação do calcário da Lapa e o erro que ela continha (ver abaixo)
- A fauna viva da caverna: os pequenos crustáceos *Spelaeogammarus* coletados na Gruta dos Milagres pela UFLA em 2014
- Perfil geológico leste–oeste passando pela Lapa: Serra do Espinhaço, morro da Lapa e chapadões do Urucuia, com uma rocha de cada (quartzito, calcário e arenito) para o visitante tocar
- Como se formou o morro da Lapa: o estudo de Jean Tricart e Cardoso da Silva, "An example of karst evolution in a dry tropical environment: the Bom Jesus da Lapa hill" (*Zeitschrift für Geomorphologie*, v. 4, 1960, p. 29–42), um dos grandes geógrafos franceses do século XX diante da gruta
- A vida que existe hoje nas cavernas: o bagre cego *Rhamdia enfurnada*, o *Trichomycterus rubbioli*, um pseudoescorpião ameaçado, o besouro *Coarazuphium bambui* e anfíbios de caverna, descritos na

Serra do Ramalho pelo grupo de Maria Elina Bichuette (UFSCar)



O São Francisco visto do alto do morro calcário da Lapa. Foto: Paulo Marcos, 2010, Wikimedia Commons, CC BY 2.0.



O calcário Bambúi na Serra do Ramalho: entrada da Gruna Boca da Lapa, Feira da Mata. Campos-Filho et al. 2022, Subterranean Biology, CC BY 4.0.

Os “corais” do serrote da Lapa (Orville Derby, 1880)

A primeira tentativa de datar o calcário do morro da Lapa foi feita aqui mesmo, em novembro de 1879, pelo geólogo norte-americano Orville A. Derby, da Comissão Hidráulica do Império. No *Reconhecimento geologico do valle de S. Francisco*, anexo ao relatório de Milnor Roberts (1880), ele escreve:

> “As minhas pesquizas forneceram apenas alguns coraes imperfeitamente conservados, encontrados no serrote do Bom Jesus da Lapa. […] não tendo eu hesitação alguma em referil-os aos generos *Favosites* e *Chætetes*. A existencia destes generos indica que a formação é da idade palæozoica e pertence provavelmente ao Siluriano superior ou ao Devoniano.”

Com esses fósseis Derby corrigiu o francês Emmanuel Liais, que punha o calcário no Mesozoico, e mostrou que a rocha era a mesma em Bom Jesus da Lapa, Carinhanha, Morrinhos, Januária e Pedras dos Angicos: “geralmente azul”, com leitos esbranquiçados e róseos. Chamou o morro de “o fantastico e alçado serrote do Bom Jesus da Lapa”. A nota reapareceu na *Revista Brasileira de Geografia* em 1943.

O problema. Hoje o calcário do Grupo Bambuí é datado do fim do Neoproterozoico, por volta de 600 a 540 milhões de anos, antes de existirem corais como *Favosites*, que só aparecem dezenas de milhões de anos depois. O que Derby viu provavelmente eram outras estruturas, como as construídas por micróbios (estromatólitos) ou concreções. A identificação precisa ser examinada por um paleontólogo.

- Para a sala: a página de Derby ao lado de uma amostra do calcário do serrote e de um estromatólito do Bambuí, com a pergunta “coral ou micróbio?”, um painel sobre como a ciência erra e se corrige, a partir de uma pedra da Lapa
- A verificar: se Derby guardou os exemplares (Museu Nacional, coleção perdida no incêndio de 2018?) e o que diz a literatura moderna sobre fósseis no Bambuí da Lapa

2. Fauna e flora: entre a Caatinga e o Cerrado

O Médio São Francisco é uma faixa de transição: Cerrado e veredas a oeste, Caatinga a leste, matas ciliares e lagoas marginais no meio.

- Peixes: surubim, dourado, curimatã, pirá, matrinxã e piau, com o ciclo da piracema ligado às cheias
- As piranhas do São Francisco: a piranha-preta do rio, espécie própria da bacia, e a “água fervente” do cardume atacando, que assombrou viajantes e barqueiros; aquário e vídeo, com o que é mito e o que é fato sobre os ataques
- Répteis e mamíferos: jacaré-de-papo-amarelo, capivara, ariranha, tamanduá, raposa
- Aves das lagoas marginais e das veredas
- Plantas: carnaúba, buriti, umbuzeiro, caroá, xique-xique e quipá
- Ligação com o viveiro Flor da Serra, de espécies nativas da Caatinga, para uma área externa de mata ciliar



Ariranha, um dos animais que os viajantes viram no rio. Litografia de Joseph Wolf, 1868. Wikimedia Commons, domínio público.

3. Pré-história e arte rupestre

Os abrigos calcários do vale guardam pinturas e gravuras rupestres, muitas atribuídas pelos arqueólogos à Tradição São Francisco, de figuras geométricas. A sala pode reproduzir em escala um painel da Serra do Ramalho e mostrar os vestígios dos caçadores-coletores e ceramistas.

- Réplicas de painéis rupestres, feitas com autorização do IPHAN
- Mapa dos sítios arqueológicos cadastrados na região
- Megafauna: os ossos de mastodonte que Halfeld achou na lagoa da Pedra, perto de Paulo Afonso
- Megafauna das cavernas vizinhas: o tigre-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*), preguiças-gigantes, o mastodonte *Notiomastodon* e o tatu-gigante *Holmesina*, entre 29 tipos de animais achados na Lapa dos Peixes I (Carinhanha) e na Gruna das Três Cobras (Serra do Ramalho), segundo Silva e colegas (2019)
- Os caçadores do Holoceno e as pinturas da Tradição São Francisco no sudoeste da Bahia, registrados pelo projeto Serra Geral (Schmitz e Barbosa, 1994)

Os tesouros das grutas da Serra do Ramalho: trazer de volta. Os fósseis da região estão longe dela. Entre 2012 e 2014, o Serviço Geológico do Brasil coletou na Gruna das Três Cobras (Serra do Ramalho) e na Lapa dos Peixes I (Carinhanha) 398 amostras de 29 tipos de animais do Pleistoceno e do início do Holoceno, entre eles o tigre-dentes-de-sabre, preguiças-gigantes e o mastodonte. Todos estão no Museu de Ciências da Terra (MCTer), no Rio de Janeiro, com os números de tombo MCT3933-M a MCT4327-M. O material arqueológico do projeto Serra Geral (Schmitz e Barbosa, anos 1990), do vale do rio Corrente, está no Instituto Anchietano de Pesquisas (Unisinos, São Leopoldo, RS), coleção nº 1334.

O museu deve ter como meta trazer parte desse acervo para a Lapa, onde ele faz mais sentido para o público. O caminho não é "reaver" no sentido de posse: fósseis e bens arqueológicos são patrimônio da União, quer estejam no Rio, em São Leopoldo ou aqui. O que se pede é a guarda ou o empréstimo, e isso depende de o museu provar que sabe conservar as peças.

Acervo	Onde está	Como trazer
Fósseis de megafauna da Gruna das Três Cobras e da Lapa dos Peixes I	Museu de Ciências da Terra, Serviço Geológico do Brasil (Rio de Janeiro)	Convênio com o SGB para empréstimo de longo prazo de peças expositivas, com réplicas (moldes ou impressão 3D) das peças científicas mais importantes, como as do tigre-dentes-de-sabre
Material arqueológico do projeto Serra Geral (vale do rio Corrente)	Instituto Anchietano de Pesquisas, Unisinos (RS)	Pedido de restituição ao IPHAN, que a Portaria 196/2016 permite a instituições da própria localidade com condições de guarda; ou empréstimo para exposição
Achados futuros nas grutas da região	Ainda nas cavernas	Pesquisa em parceria com universidades, com o museu já cadastrado como instituição de guarda e pesquisa no IPHAN e com autorização da ANM para fósseis

Para isso, o prédio precisa atender às exigências do IPHAN para instituições de guarda: reserva técnica exclusiva, controle de temperatura e umidade, certificação do Corpo de Bombeiros, plano de evacuação, inventário atualizado e equipe técnica. Se o projeto já nascer com essas condições, o pedido de retorno vira argumento forte junto às mantenedoras.

A sala 3 pode ganhar uma vitrine-âncora: "O tigre-dentes-de-sabre da Serra do Ramalho", com o crânio em réplica, ossos originais emprestados e um painel sobre como a erosão das chuvas expõe os fósseis nas grutas.

O que a ciência já publicou sobre essas grutas. Todos os estudos paleontológicos vêm de uma única coleta do Serviço Geológico do Brasil, feita entre 2012 e 2014:

Ano	Autores	Periódico	Achado
2019	Silva, Berbert-Born, Bustamante, Santoro, Sedor e Avilla	*Journal of South American Earth Sciences*, v. 90	398 amostras de 29 tipos de animais na Gruna das Três Cobras (Serra do Ramalho) e na Lapa dos Peixes I (Carinhanha); um esqueleto articulado foi deixado na caverna, preso ao calcário
2020	Silva e colegas	*Historical Biology*	Câncer ósseo no fêmur de uma preguiça *Nothrotherium* da Lapa dos Peixes I, divulgado como o primeiro em mamífero não humano do Quaternário (referência exata a conferir)
2023	Trifilio, Araújo-Júnior e Porpino	Anais do 37º Congresso Brasileiro de Espeleologia	Marcas de mordida de tigre-dentes-de-sabre, de um cachorro gigante extinto (*Protocyon*) e de jacaré em ossos da Gruna das Três Cobras, além de marcas de besouros e cupins
2024	Trifilio, Araújo-Júnior e Porpino	*Journal of South American Earth Sciences*	Versão completa do estudo sobre como os ossos se acumularam nas cavernas do Nordeste
2024	Barbosa, Silva, Alves-Silva, Liparini e Araújo-Júnior	*Journal of Mammalian Evolution*, v. 31	Doença articular semelhante à pseudogota numa preguiça da Lapa dos Peixes I

Nenhum desses fósseis está exposto ao público. O Museu de Ciências da Terra, no Rio, que guarda a coleção, está fechado para uma reforma de cerca de R$ 200 milhões iniciada em setembro de 2025, sem data de reabertura. Duas lacunas ficam abertas para pesquisas do próprio museu com universidades: nenhum fóssil dessas grutas foi datado em laboratório, e nenhum estudo procurou vestígios humanos nelas. A pergunta que a sala pode deixar no ar: o homem chegou a conviver aqui com o tigre-dentes-de-sabre?

Núcleos II e III — Povos indígenas, conquista e o Rio dos Currais

4. Povos indígenas

Antes do gado, o vale era terra de muitos povos, que os cronistas chamaram amoipiras, tapuias, cariris, acroás e xacriabás, entre outros nomes. A sala deve falar deles no passado e no presente: os Pankaru na Serra do Ramalho, os Tuxá em Rodelas e Ibotirama, os Xakriabá no norte de Minas, os Truká em Cabrobó e os Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio.

Opará, o rio-mar. Antes de ser São Francisco, o rio tinha nome indígena: Opará, registrado como "rio-mar" ou "o rio por excelência". A etimologia, atribuída a Armindo Guaraná, deve ser confirmada por um linguista. Para os povos do vale, o rio era caminho, despensa e lugar sagrado:

- **Pesca:** o conhecimento das piracemas, das cheias e das lagoas marginais; os Tuxá lembram o tempo de fartura antes de a barragem de Itaparica inundar seu território
- **Canoa:** as canoas de tronco e o saber de navegar o rio; em 1879, a Comissão Hidráulica viajou com canoeiros e dois pilotos indígenas, segundo o relatório de Milnor Roberts
- **Lendas:** o mito Tuxá das lágrimas de Aiti, que dá origem ao rio, ao lado das lendas ribeirinhas do nego-d'água e do minhocão
- **O rio hoje:** barragens e transposição como conflito vivido pelos povos do rio, contado na voz deles

- Curadoria compartilhada com as comunidades indígenas de hoje
- Cerâmica, artefatos e línguas, com o mapa dos territórios atuais

5. A conquista: Casa da Torre, Casa da Ponte e as missões

No fim do século XVI, Gabriel Soares de Sousa descreveu o rio no *Tratado descritivo do Brasil* (1587) e morreu numa entrada em busca de minas. Nos séculos XVII e XVIII as sesmarias da Casa da Torre, dos Garcia d'Ávila, e da Casa da Ponte, dos Guedes de Brito, tomaram as duas margens. A conquista foi feita contra os povos indígenas, e os missionários, como o capuchinho frei Martinho de Nantes, deixaram relatos das missões e dos conflitos com os sesmeiros.

- Linha do tempo das entradas e das sesmarias
- Trechos do *Tratado* de Gabriel Soares e da *Relação* de frei Martinho de Nantes
- Mapa das terras da Casa da Torre e da Casa da Ponte

6. O Rio dos Currais, os tropeiros e as vilas

O gado subiu o rio, e o São Francisco virou o Rio dos Currais, caminho das boiadas entre a Bahia, Pernambuco e as Minas. Bandeirantes como Matias Cardoso abriram fazendas e arraiais na margem. Os pousos viraram vilas: Pilão Arcado, Sento Sé, Barra, Urubu (Paratinga), Bom Jardim (Ibotirama), Bom Jesus da Lapa e Carinhanha, entreposto com as Minas Gerais.

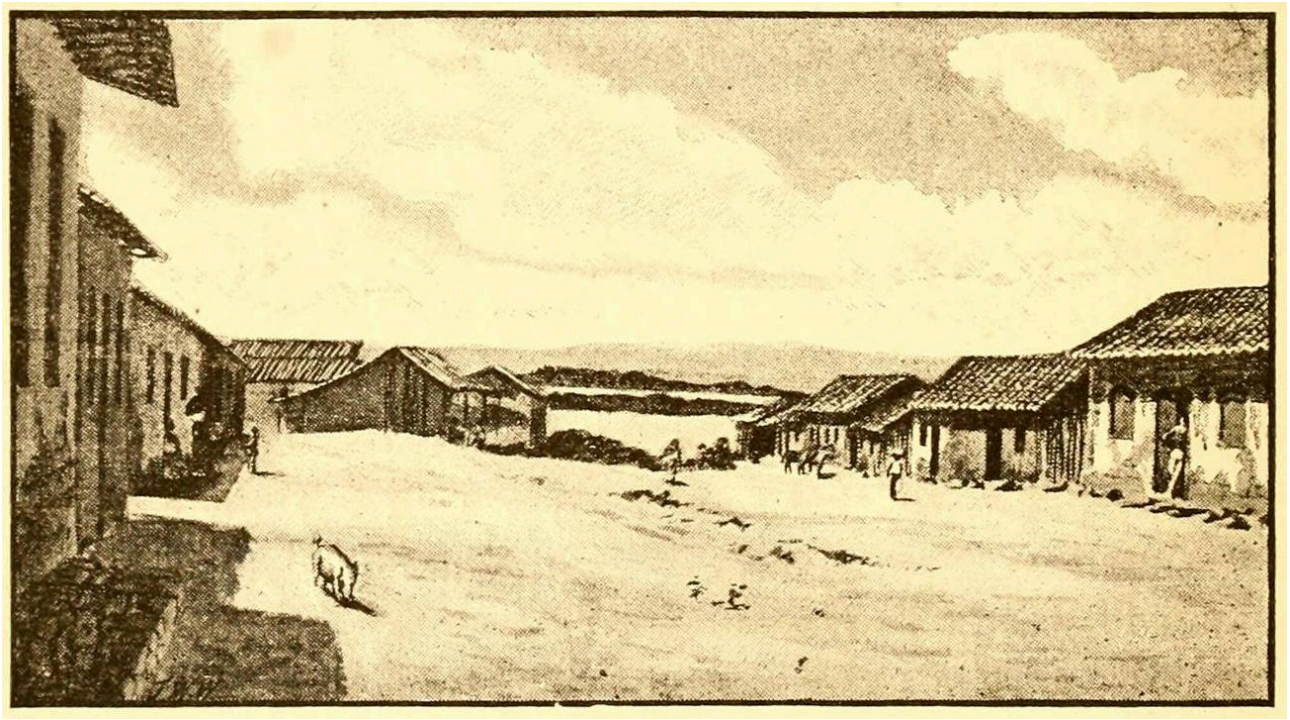
- Mapa animado das rotas das boiadas e dos registros fiscais
- A vida no curral: vaqueiros, couro, carro de boi
- As primeiras canoas e os primeiros navegantes do rio

“A época do couro”, segundo Capistrano de Abreu. Em *Capítulos de História Colonial* (1907), Capistrano não cita a Lapa, mas descreve o mundo que a criou. O dono desta margem “chamava-se Antônio Guedes de Brito, com cento e sessenta léguas, contadas do morro do Chapéu até águas do rio das Velhas”: é a Casa da Ponte, de onde vêm as terras da Lapa e do Rio das Rãs. O vaqueiro devia “conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente”, o que explica o nome da Malhada; e Manuel Nunes Viana, chefe dos emboabas na guerra de 1707–1709, era “afazendado nas margens do Carinhanha”. A frase que pode servir de epígrafe à sala:

> “De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida…”

Capistrano cita ainda Antonil sobre os boiadeiros que guiavam o gado “uns adiante cantando” e o que, nas passagens de rio, “pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra às reses o vau”; e observa que no trajeto do gado se formou “uma população relativamente densa”. Falta consultar o outro livro dele, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*.

Leituras de base. A rede de currais, capelas e vilas do rio (Esdras Arraes, *Anais do Museu Paulista*, 2013), a disputa pelas ilhas entre capitanias (Arthur Curvelo, *Crítica Histórica*, 2022) e a lenta ocupação dos sertões do São Francisco (José Antônio de Sousa, *Sæculum*, 2023).



Rua de Carinhanha, entreposto entre a Bahia e as Minas. Gravura de James W. Wells, 1886, domínio público.

Os tropeiros: do rio para o sertão. O rio levava as cargas pela água; os tropeiros as levavam por terra, no lombo de burros e mulas. Dos portos do São Francisco, as tropas subiam as serras rumo a Caetité, à Chapada Diamantina e ao Recôncavo, e atravessavam os gerais do oeste rumo a Goiás e ao Tocantins. Levavam sal, aguardente, rapadura, tecidos e ferramentas, e voltavam com couros, algodão, mantimentos e até ouro. Os boiadeiros conduziam o gado; os tropeiros conduziam a carga, e eram eles que ligavam o rio à serra e à caatinga.

- Caetité era um grande entreposto das tropas: Spix e Martius contaram mais de mil animais carregados saindo dali por ano rumo a Salvador, e uma estrada ligava Caetité a Bom Jesus da Lapa por Bonito e Riacho de Santana (Santos, *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2013).
- Spix e Martius, no original alemão (*Reise in Brasilien*, vol. 2, 1828, p. 583), registram que Malhada ficava “na estrada principal entre a cidade da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Cuiabá, pela qual passam todo ano, nos dois sentidos, de dez a vinte grandes tropas de mulas”. A *Viagem pitoresca* de D’Orbigny (1836), que resume esse relato, traz “vinte a trinta”; vale o número do original.
- Em março de 1875, no rio Grande, perto da Barra, James Wells encontrou o capitão Francisco Antonio Barbosa numa expedição comercial a Goiás "com uma grande tropa de mulas", rumo a Palma e ao alto Tocantins, para trocar mercadorias por couros e ouro. Wells seguiu viagem com "Rodrigues, o tropeiro" (*Three Thousand Miles through Brazil*, vol. II, p. 68–77).
- Na sala: cangalhas, bruacas e arreios, o cincerro da madrinha da tropa, um rancho de tropeiro, a comida de viagem (feijão, farinha, carne-seca, rapadura) e um mapa dos caminhos que saíam dos portos do rio para Goiás, Minas, Caetité e a Chapada.
- Depoimentos de filhos e netos de tropeiros da Lapa e das cidades vizinhas.
- A pesquisar: os tropeiros e os pousos da região da Lapa e a rota para Goiás pelo vale do rio Corrente (Santa Maria da Vitória e Correntina).

A margem esquerda que mudou de província três vezes. Até 1824, a margem esquerda do São Francisco, a antiga comarca do São Francisco, com a Barra, Pilão Arcado e Campo Largo, pertencia a Pernambuco.

Depois da Confederação do Equador, D. Pedro I separou-a de Pernambuco e a passou provisoriamente a Minas Gerais; em 1827 ela foi entregue à Bahia. Por isso os barqueiros ainda chamavam esse lado de “banda de Pernambuco” quando Halfeld desceu o rio, em 1852.

- Mapa animado da comarca em 1820, 1824 e 1827
- A Confederação do Equador e o castigo a Pernambuco
- O que a mudança deixou: a fronteira atual entre Bahia e Pernambuco, a identidade do oeste baiano

A fronteira da Malhada e o caminho do gado

Carinhanha e Malhada ficam frente a frente na boca do rio Carinhanha, que ainda hoje separa a Bahia de Minas: Carinhanha na margem esquerda, alta; Malhada na direita, baixa e alagadiça, logo abaixo da barra. “Malhada”, explica Burton, é o lugar de sombra onde o gado se junta nas horas quentes. Em 1818 a margem esquerda ainda era Pernambuco, e Carinhanha era “o arraial mais meridional” dessa província; a Malhada, em terra baiana, abrigava o registro fiscal de Minas Gerais, que Spix e Martius dão como o único entre a Bahia e Minas além do de Rio Pardo.

Viajante	Data	O que registrou
Spix e Martius	set. 1818	Malhada na estrada Bahia–Goiás–Mato Grosso, com dez a vinte grandes tropas por ano; subia o sal do rio em sacos de couro, descia de Minas farinha, feijão, toucinho, carne-seca e rapadura; a Malhada tinha “a pior fama de todas as povoações do São Francisco” pelas febres, com soldados mineiros que se viam “em perigoso exílio”
Halfeld	1852	Carinhanha com duas igrejas, 265 casas e 1.200 habitantes; Nossa Senhora do Rosário da Malhada com 30 a 60 casas e 250 habitantes; o quartel do registro no pontal, de pau a pique amarrado com couro cru, abandonado porque na Malhada “a vida é muito sociável”; pelo registro saíam 8.672 cabeças de gado e entravam 25 mil bruacas de sal
Burton	set. 1867	O posto abandonado por causa das “carneiradas”, febres que “matam homens como carneiros”; na Malhada, casas com marca de cheia de um metro e, de dentro delas, “cantos e palmas à moda da Guiné”; Carinhanha com cerca de 450 casas, sede da comarca do Urubu
Wells	jan. 1875	Chega a Carinhanha por terra, em plena cheia, e atravessa o rio numa balsa em forma de ajoujo; dez dias na “cidade sonolenta”
Theodoro Sampaio	nov.–dez. 1879	Carinhanha “maior do que a do Urubu”, com escolas frequentadas e chapéus de couro “imitando o chapéu de Manilha”; na Malhada, a barreira mineira que ainda cobrava taxa de “toda embarcação”; em dezembro, a vila ocupada pelos revoltosos de Januária

Dois caminhos que se cruzavam na Malhada. O primeiro era a estrada geral, de leste a oeste, entre Salvador e Goiás e Mato Grosso. Burton diz que os animais taxados na Malhada seguiam para Salvador por um caminho que “os próprios cascos abriram”, sem pontes, em 130 léguas; a mesma distância aparece numa fonte colonial citada por Esdras Arraes para a estrada de Salvador por Jacobina ao São Francisco, por onde descia “a maior parte do gado”. O Urubu (Paratinga) era desde o começo do século XVIII ponto de descanso dos boiadeiros entre Minas e a Bahia.

O segundo corria pela margem baiana, rio abaixo, de Carinhanha e Malhada para a Lapa e o Urubu. Theodoro Sampaio percorreu-o a cavalo em dezembro de 1879: saindo de Carinhanha a nordeste, passou pela fazenda de Thomé Nunes e pela lagoa do Mocambo, junto à Serra da Malhada, e pela fazenda do Joaseiro, “com muito gado”; na Boca da Catinga, “o caminho se bifurca, um galho levando à Parateca e aos

povoados de rio abaixo e outro a rumo de Leste em direção à Bahia". O galho de rio abaixo é o caminho de Parateca, Lapa e Urubu; o do leste subia pelo vale do rio das Rãs para a Chapada.

- Na sala: mapa dos dois caminhos com os pousos citados pelos viajantes; as tabelas de Halfeld do registro da Malhada (gado, sal, rapadura); uma bruaca de sal e uma laje de ardósia do Pontal do Carinhanha, que Burton viu em peças de seis metros e Sampaio numa mesa para dezesseis pessoas
- Para pesquisar com a UFOB e a UNEB: quase não há estudos publicados sobre o registro da Malhada e a história de Carinhanha; a freguesia de São José do Carinhanha foi criada em 1813, a única nova em Pernambuco entre 1777 e 1822 (Arraes, *Anais do Museu Paulista*, 2013)

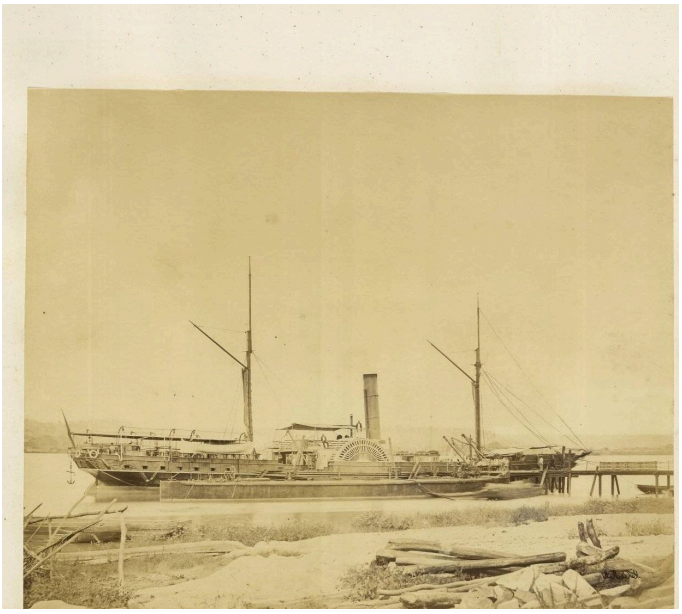
Núcleo IV — Navegar e conhecer o rio

7. Embarcações, carrancas, vapores e remeiros

Antes do vapor, o rio era navegado por canoas, ajoujos e barcas tocadas a vara pelos remeiros, como Halfeld descreve em 1852. As barcas maiores levavam na proa as carrancas, figuras de madeira que viraram o símbolo do rio; o mais conhecido dos seus escultores foi mestre Guarany, de Santa Maria da Vitória. O vapor chegou em 1871, com o *Saldanha Marinho* no rio das Velhas, e as companhias de navegação ligaram Pirapora a Juazeiro até a segunda metade do século XX. O *Benjamim Guimarães*, ainda em Pirapora, é o último vapor a lenha em operação.

Onde o Médio começa e acaba. Os marcos naturais do rio do meio são duas quedas: a cachoeira de Pirapora, em cima, e o salto de Paulo Afonso, embaixo. Entre elas, o trecho realmente navegável ia de Pirapora a Juazeiro, cerca de 1.370 km, interrompido só pelas corredeiras do Sobradinho. (Na divisão hidrográfica oficial, o Médio vai de Pirapora a Remanso; o trecho até Paulo Afonso é o Submédio.)

A vida chegava com o vapor. Nas cidades do rio, o tempo era marcado pela chegada do vapor ao cais. O apito anunciava a chegada de longe, a cidade descia para o porto, e por algumas horas tudo acontecia ali: carga e descarga, feira, cartas e jornais, notícias do Rio de Janeiro e da Bahia, parentes que chegavam e partiam, namoros e negócios. Esse momento deve ser o coração emocional da sala, com som, imagem e depoimentos de quem viveu.



Vapor S. Salvador no São Francisco, 1868. Foto de Augusto Riedel, Biblioteca Nacional / Library of Congress, domínio público.



O Benjamim Guimarães, último vapor a lenha, em Pirapora (MG). Foto: Nilton A. Figueira, Wikimedia Commons, CC BY-SA 4.0.

- Modelos em escala de canoa, ajoujo, barca com tolda e vapor
- Coleção de carrancas, originais e réplicas
- O porto em dia de vapor: o apito, a feira, a troca de mercadorias
- Os remeiros: trabalho, cantigas, perigos; as cachoeiras do Sobradinho e as barcas perdidas
- Os nomes dos vapores e as linhas que saíam de Pirapora, Januária e Juazeiro
- Leituras de base: Zanoni Neves sobre os remeiros (*Revista de Antropologia*, 2003) e o vapor Benjamim Guimarães (*Tessituras*, 2015); Jorge Minella sobre por que os primeiros vapores fracassaram (*Crítica Histórica*, 2026); e o relatório da viagem do vapor *Saldanha Marinho* pelos rios das Velhas e São Francisco, publicado na Revista do IHGB em 1876



Barco com carranca na proa, no São Francisco. Foto: Glauco Umbelino, 2007, CC BY 2.0.



Carranca no Museu de Arte Moderna da Bahia. Foto: Paul R. Burley, Wikimedia Commons, CC BY-SA 4.0.

Os carranqueiros. As carrancas têm autores. Em Petrolina, Ana das Carrancas levou a figura para o barro. A sala deve apresentar os escultores pelo nome, com suas ferramentas, suas madeiras e as diferenças de estilo, e convidar os carranqueiros vivos da região para oficinas no museu (levantar os nomes dos mestres do Médio São Francisco).

Mestre Guarany, o carranqueiro do Corrente

Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany nasceu e morreu em Santa Maria da Vitória, no rio Corrente, a menos de 100 km da Lapa: teria nascido em 2 de abril de 1882, embora o registro diga 1884, e morreu em

1985, com cerca de 103 anos. Caçula dos seis filhos do construtor de barcos Cornélio Biquiba Dy Lafuente (1844–1898) e de Marcelina do Espírito Santo, trazia no nome três continentes: segundo a revista *Francisco* (UFOB), "Dy Lafuente" vem de um bisavô espanhol, "Biquiba" de uma bisavó moçambicana e "Guarany" de uma avó de origem indígena (a Itaú Cultural fala em bisavó; o detalhe varia conforme a fonte). Antes das carrancas foi santeiro, carpinteiro de telhados, tanoeiro e construtor de barcos. Ainda moço conheceu em Barreiras o mestre Afrânio, autor da carranca do *Minas Gerais*, a maior embarcação do rio, encontro que provavelmente marcou sua arte.

- **1901:** primeira carranca, para a barca *Tamandaré*; pelo relato do próprio Guarany, era o busto de um negro ou caboclo. Seguem-se as encomendas dos comerciantes da bacia do Corrente.
- **Até 1945:** faz a última carranca de navegação. Pelas contas de Paulo Pardal, das cerca de 120 carrancas feitas no Médio São Francisco até o início dos anos 1940, umas 80 eram dele. Com o fim das barcas a remo, acabam as encomendas.
- **1947:** a revista *O Cruzeiro* publica "Carrancas de proa do São Francisco", de Theóphilo de Andrade, com fotografias de Marcel Gautherot. É provável, ainda sem confirmação, que essas fotos sejam da mesma viagem em que Gautherot fotografou Bom Jesus da Lapa (c. 1948).
- **1953 em diante:** volta a esculpir, agora para colecionadores; expõe em Salvador e no Ibirapuera (1954). A partir de 1963 assina "F. Guarany". Trabalha até cerca de 1982.
- **Reconhecimento:** membro correspondente da Academia Brasileira de Belas Artes (1968); *A mão do povo brasileiro*, MASP (1969); individual no MASP (1975); em 1977, onze carrancas suas vão ao II Festival Mundial de Artes e Cultura Negra, em Lagos, na Nigéria, e no mesmo ano nasce em Paris o Comité International pour l'Étude des Figures de Proue, presidido por Liliane Bedel, admiradora de sua obra; Carlos Drummond de Andrade escreve sobre ele na crônica "A alma do navio" e no poema "Centenário" (1985); Mostra do Redescobrimento, Bienal de São Paulo (2000); *A viagem das carrancas*, IMS e Pinacoteca (2015–16), com 40 carrancas e 42 fotos de Gautherot. O escultor Agnaldo Manuel dos Santos foi seu admirador e um dos primeiros compradores.

Por que ele importa. Para o crítico Lorenzo Mammì, Guarany criou o tipo básico da carranca do São Francisco, a mistura de gente e fera, e talvez tenha sido o primeiro artista moderno da arte popular brasileira, anterior à Semana de 1922 (tese do crítico, não consenso). Pardal divide sua obra em três fases, pela forma da juba e pela passagem do barqueiro ao colecionador.

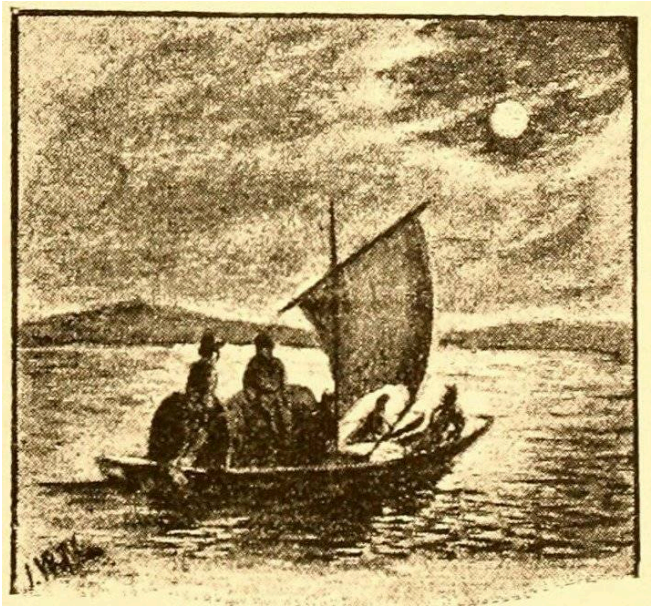
O estilo. Cabeças de imburana ou cedro, com 40 a 50 cm, sobre pescoços de até 1 m; juba simétrica, sobrancelhas arqueadas, olhos humanos e dentes de fera; algumas pintadas de preto, branco e vermelho, outras em madeira nua. Clarival do Prado Valladares via nelas uma "expressão de terror e vigília".

A tradição viva. Em Santa Maria da Vitória, o neto Júnio Guarany mantém uma oficina aberta no lugar onde ficava a casa do avô; começou aos nove anos, terminando com uma chave de fenda afiada uma carranca que o avô deixara começada. A cidade tem cerca de quinze outros carranqueiros, entre eles João Souza. O professor de história Jairo Rodrigues guarda um acervo da oficina de Guarany, com uma carranca e as ferramentas do mestre, e o Ponto de Cultura da Bacia do Rio Corrente (Biblioteca Eugênio Lyra) leva aprendizes à oficina do neto.

Na sala. A sala das carrancas pode ter três tempos: (1) a carranca de proa, 1901–1945, com as fotografias de Gautherot (com licença do IMS) e uma peça original por empréstimo ou doação; (2) a carranca de colecionador, 1953–1982, com o reconhecimento no MASP, na Bienal e em Lagos; (3) a tradição viva, com

Júnio Guarany, João Souza e os carranqueiros de Santa Maria em oficinas dentro do museu. As ferramentas guardadas por Jairo Rodrigues dariam uma bancada autêntica do ofício. Contatos a procurar: Jairo Rodrigues, Júnio Guarany, o Ponto de Cultura e o campus da UFOB em Santa Maria da Vitória.

Leituras de base: Paulo Pardal, Carrancas do São Francisco *(1974); Paulo Pardal e Clarival do Prado Valladares,* Guarany: 80 anos de carrancas *(1981); Lorenzo Mammì e Samuel Titan Jr.,* A viagem das carrancas *(Martins Fontes/IMS, 2015).*



Remeiros num ajoujo à vela, à noite. Desenho de James W. Wells, 1886, domínio público.

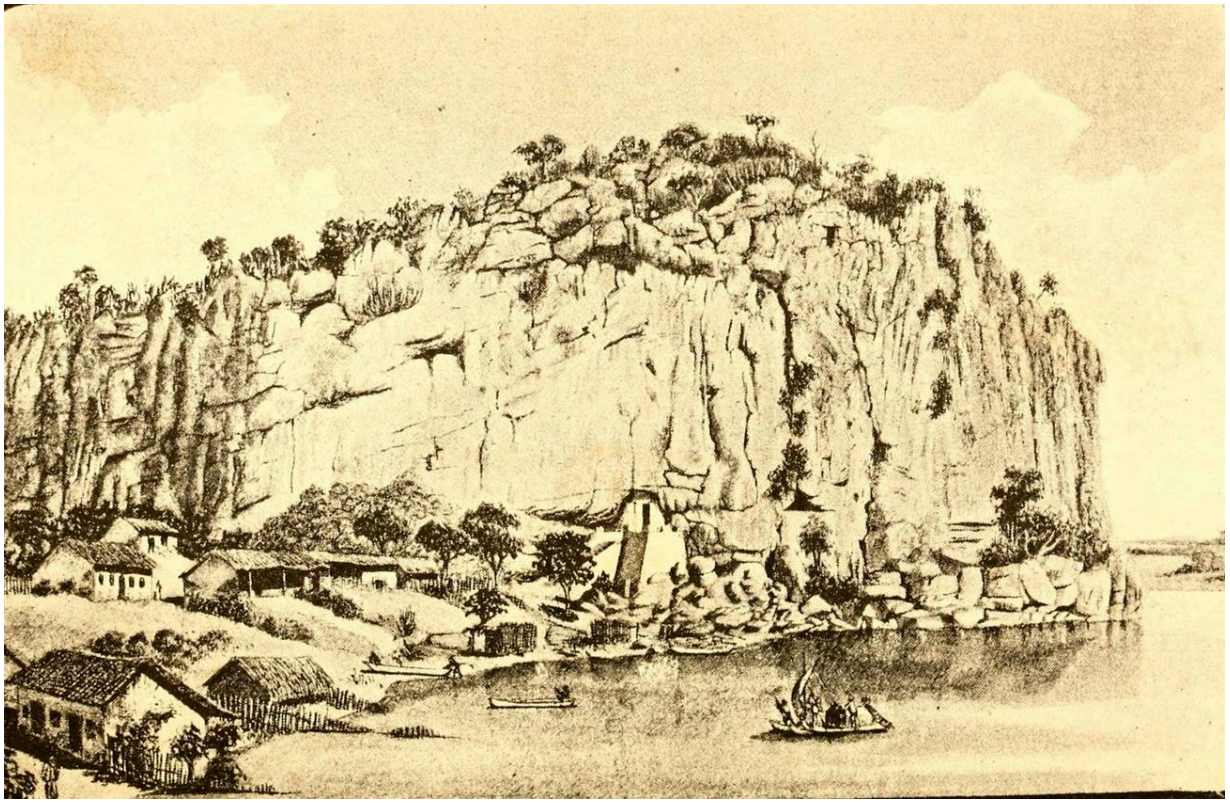
Os afluentes navegados e suas culturas. O São Francisco não se navegava sozinho: pelos afluentes da margem esquerda subiam canoas, barcas e, depois, vapores, que levavam o comércio do rio ao Oeste baiano. Cada afluente criou sua própria cultura ribeirinha, com portos, festas e famílias de barqueiros.

Afluente	Navegação em 1852 (Halfeld)	Portos e cidades
Carinhanha	22½ léguas pelo rio, até a Boa Vista	Carinhanha, Malhada
Corrente, com o Formoso e o Arrojado	24 léguas até o porto de Santa Maria, e mais até São José	Sítio do Mato, Santa Maria da Vitória, Correntina
Grande, com o Preto, o Branco e o das Ondas	45 léguas até o Campo Largo, mais 20 até o Limoeiro; o Preto, 32 léguas até a Formosa	Barra, Cotegipe, Barreiras, Formosa do Rio Preto

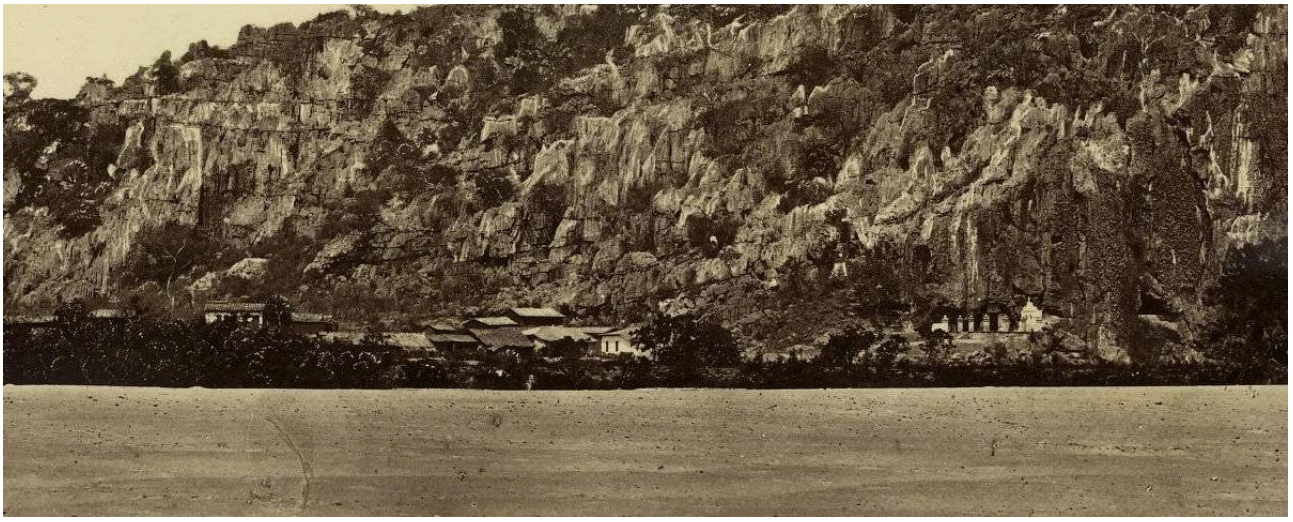
- Os vapores que subiam o Corrente até Santa Maria da Vitória e o Grande até Barreiras: nomes, datas, linhas (a levantar)
- O cerrado dos afluentes: buritis, veredas e o Aquífero Urucuia que os alimenta
- As culturas dos afluentes: carrancas de mestre Guarany em Santa Maria, a feira e o porto de Barreiras

8. Viajantes, cientistas e a fotografia

De 1817 a 1880, o rio foi descrito por viajantes e engenheiros que passaram pela Lapa: Spix e Martius, Gardner, Halfeld, Liais, Burton, Wells e Theodoro Sampaio. O Império mandou estudá-lo para a navegação: Halfeld em 1852–1854 e a Comissão Hidráulica de 1879–1880, chefiada pelo engenheiro americano William Milnor Roberts, com o geólogo Orville Derby e o jovem Theodoro Sampaio.



Bom Jesus da Lapa, gravura publicada por James W. Wells em Three Thousand Miles through Brazil*, 1886. Internet Archive, domínio público.*



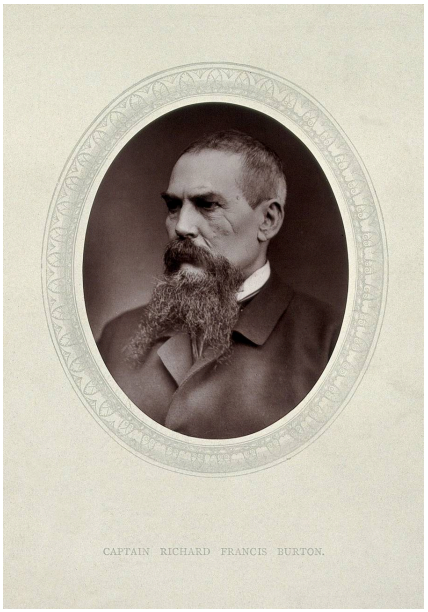
Detalhe da fotografia de 1868: as casas e o santuário ao pé do morro. Augusto Riedel, domínio público.

Quem	Quando	Obra
Spix e Martius	1817–1820	*Viagem pelo Brasil*
George Gardner	1836–1841	*Viagens no interior do Brasil*
Halfeld	1852–1854	*Atlas e relatório* (1860)
Emmanuel Liais	1862	*Hydrographie du haut San-Francisco* (1865)
Richard Burton	1867	*The Highlands of the Brazil* (1869)

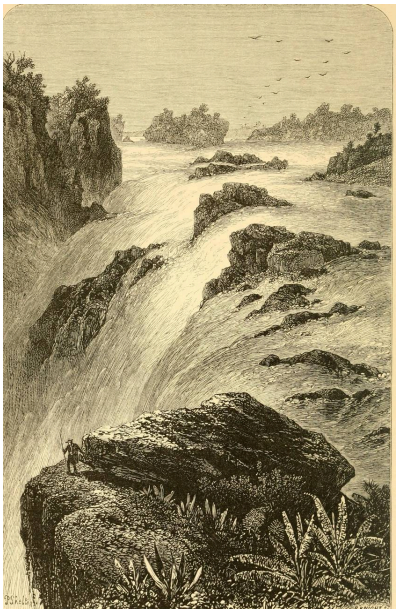
Quem	Quando	Obra
Comissão Hidráulica	1879–1880	Relatórios de Roberts e Derby; *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, de Theodoro Sampaio (1905)
James W. Wells	1873–1886	*Three Thousand Miles through Brazil* (1886)



Folha de rosto do Atlas e relatório *de Halfeld, 1860, com a vinheta de Paulo Afonso. Biblioteca do Senado Federal, domínio público.*



Richard Francis Burton, que desceu o rio em 1867. Wellcome Collection, CC BY 4.0.

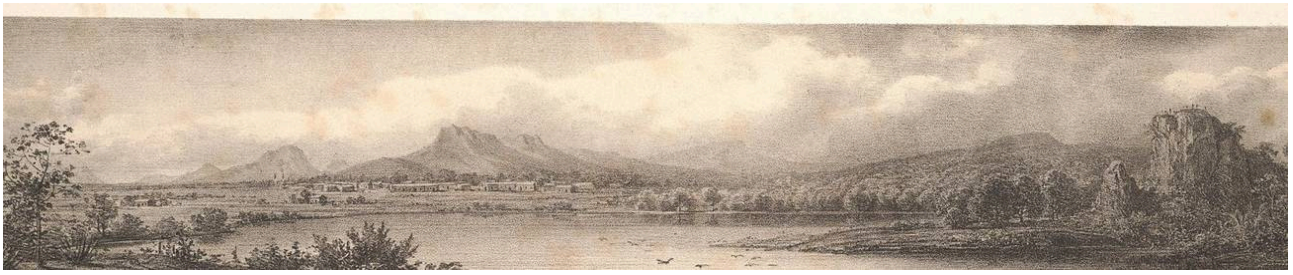


Cachoeira de Paulo Afonso, frontispício de The Highlands of the Brazil*, vol. II, 1869. Internet Archive, domínio público.*

- Edições anotadas em português de Gardner, Wells e Halfeld, já preparadas, para consulta e venda
- Gravuras de Wells e desenhos de Theodoro Sampaio
- **Sala de fotografia histórica:** as primeiras fotografias do rio e as do século XX, organizadas por cidade

Spix e Martius no Médio São Francisco (1818). Os naturalistas bávaros chegaram ao rio pelo norte de Minas, passaram pelo Porto do Salgado (Januária) e seguiram para oeste até a Serra Geral de Goiás, divisor entre o Tocantins e o São Francisco. Na volta, desceram pelo rio Formoso e pelo Carinhanha até a foz, atravessaram o Carinhanha numa jangada de troncos de buriti e cruzaram o São Francisco de Carinhanha para a Malhada, de onde partiram para Salvador no fim de setembro de 1818.

- A estampa 12 do Atlas de Martius: uma lagoa marginal cheia de aves, descrita como “quadro da criação do mundo”; a expedição que refez a viagem em 2018 não a encontrou mais
- Carinhanha e Malhada como postos de fronteira entre Pernambuco e Minas, ligando esta sala à da comarca que mudou de província
- Mapa do percurso de 1818 e fotografias da viagem refeita em 2018
- A verificar: onde cruzaram o São Francisco na ida (Januária ou Itacarambi) e o erro histórico sobre esse ponto que circula na região
- Fonte: Travessia do Sertão: refazendo a viagem de Spix e Martius de 1818



Juazeiro (BA) entre 1817 e 1820. Litografia do Atlas de Spix e Martius, domínio público.

A Comissão Hidráulica (1879–1880). Vinte e cinco anos depois de Halfeld, o Império voltou ao rio com uma equipe maior. A comissão foi criada em fevereiro de 1879 pelo ministro da Agricultura, João Lins Vieira

Cansanção de Sinimbu, para estudar o porto de Santos e a navegação do São Francisco. Subiu o rio da foz até Pirapora entre 12 de agosto e 22 de dezembro de 1879.

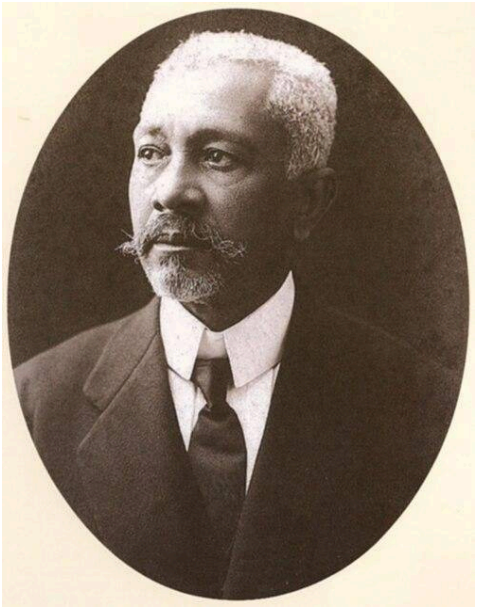
Quem	Papel	Para a sala
William Milnor Roberts	Engenheiro americano, chefe da comissão; antes trabalhou na Estrada de Ferro D. Pedro II	Seu relatório e a visão do rio como espinha do sertão baiano
Orville A. Derby	Geólogo adido à expedição	O reconhecimento geológico do vale, ligado à sala 1
Theodoro Sampaio	Engenheiro de 2.ª classe	Diário, desenhos e o livro de 1905
Antônio Plácido Peixoto do Amarante, Rudolph Wieser, Domingos Sérgio de Sabóia e Silva, Alfredo Lisboa, Miguel Pecegueiro, Thomaz de Aquino e Castro	Demais engenheiros da comissão	Painel coletivo da equipe

Em Carinhanha, Roberts separou Theodoro Sampaio da comissão para atravessar a Chapada Diamantina e os sertões baianos, viagem que ele concluiu em março de 1880. Dela nasceu *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina* (1905). Engenheiro negro, filho de uma mulher escravizada, Sampaio merece um painel próprio: o homem, a viagem e o olhar sobre o sertão.

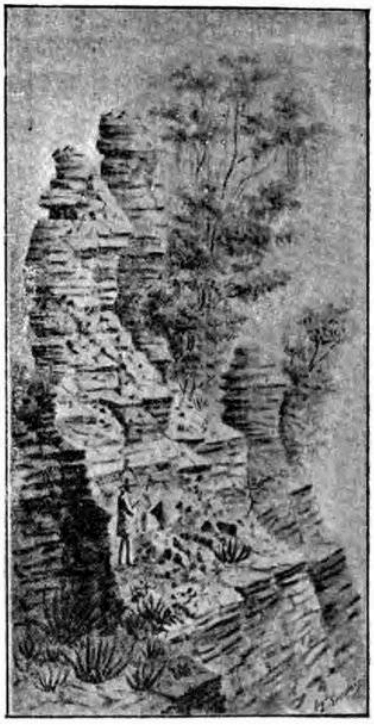
A Lapa vista pela Comissão. O relato mais vivo da Lapa em 1879 é de Sampaio, num caderno guardado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: "A nossa visita à Capela se fez pela manhã, às 6 ½, subimos as escadas da capela, tocamos o sino com sinal de romeiro […] e entramos no recinto por entre a multidão de pobres […] a clamarem por esmolas". O trecho é citado pela tese de Ivoneide Costa (Fiocruz, 2013). Sampaio publicou sua narrativa da viagem como "O rio São Francisco" na Revista do IHGB (v. 167, 1932, p. 285–468), onde a passagem deve ser procurada.

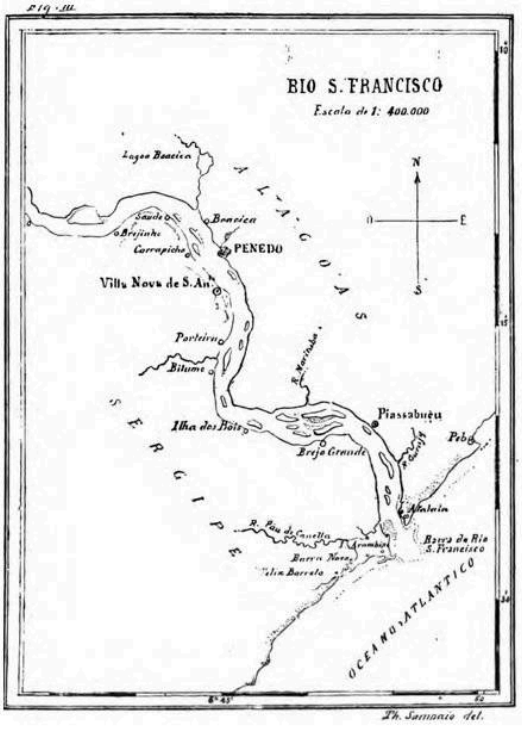
Outros achados para os painéis:

- Roberts dividiu o rio em cinco seções; a Lapa fica na IV, o "rio desimpedido" de 1.328 km entre o Sobradinho e Pirapora, que ele achou "notavelmente pitoresco e belo"
- Derby pediu ao governo que reservasse Paulo Afonso e Itaparica como parques nacionais, "como as do Yellowstone e do Yosemite": uma proposta de conservação feita em 1880
- A comissão viajou com canoeiros e pilotos indígenas; a escolta de doze soldados virou equipe de trabalho, porque o povo do rio era "cortês, amável"
- Sampaio registrou o coronel Neco aquartelado no Jacaré, hoje Itacarambi, com "um verdadeiro exército de jagunços" para retomar Januária



Theodoro Sampaio (1855–1937). Wikimedia Commons, domínio público.





Desenhos de Sampaio: calcário em Januária (MG) e mapa do baixo São Francisco. Internet Archive, domínio público.

- Mapa do percurso: a comissão da foz a Pirapora e o desvio de Sampaio a partir de Carinhanha
- Halfeld (1852) e a Comissão (1879) lado a lado: o que mudou no rio e nas propostas
- Cópias dos relatórios, mapas e desenhos da comissão
- Fonte: Comissão Hidráulica do Império (1879–1880), Revista Projeto História, PUC-SP
- Fonte: tese de Ivoneide de França Costa sobre a Comissão Hidráulica do Império (Fiocruz, 2013)
- Acervos inéditos a pedir: as cadernetas de campo de Roberts, em inglês, na Montana State University (Collection 783), e os cadernos e desenhos de Sampaio no IGHB

Descendo o rio: Carinhanha, Lapa e Urubu. Halfeld chama o trecho de Carinhanha à Lapa de “quarta travessia”, de cerca de 24 léguas. Os viajantes descrevem barrancos altos e vermelhos na margem esquerda,

baixos e alagadiços na direita, o canal trocando de lado para fugir dos bancos de areia, a louça de barro do lugar da Cachoeira (que Burton comprou e que valia o triplo em Juazeiro) e as lagoas marginais cheias de surubim e traíra. Ao partir de Carinhanha em 1875, os remeiros de Wells cantavam: “Adeus, Carinhanha! Adeus, Mariquinha, minha benzinha!”

- **A barra do rio das Rãs.** Halfeld (1852) achou a água “parada, fedorenta e eminentemente pestífera”, mas as terras baixas “muito produtivas em algodão de excelente qualidade”, e teve as canoas cercadas por “mais de trinta” jacarés. Burton (1867) anotou na Ilha da Batalha “a lembrança de alguma luta esquecida com os índios” e registrou que ali, na Boa Vista, “começava a enorme propriedade” do Conde da Ponte, a Casa da Ponte dos Guedes de Brito, as mesmas terras do quilombo Rio das Rãs

Viajante	Chegada à Lapa	O que viu
Halfeld	1852	128 casas e 250 moradores fixos; a gruta servindo de igreja e de cemitério; a “Varanda” por onde entravam milhares de morcegos
Burton	1º out. 1867	O morro como “esfinge sem cabeça” ou “leão agachado”, com contrafortes de catedral gótica; um tripulante achou na praia um pé de cera, ex-voto perdido a caminho do Bom Jesus
Wells	1875	A 96 milhas de Carinhanha; o barco entrou em plena cheia por uma rua alagada
Theodoro Sampaio	21 nov. 1879	“Um retalho de montanha calcárea, isolado no meio de uma planície”; os coronéis disputavam até o cargo de sacristão para controlar as rendas do santuário

Rio abaixo fica o Urubu, hoje Paratinga: capela de Santo Antônio em 1680, freguesia em 1718 e vila criada em 1746–1749 (as fontes variam), nascida, segundo Arraes, para vigiar o contrabando do ouro. Sampaio registra que o Urubu comerciava por terra com Lençóis e com Januária; Burton, vendo o porto ruim, previu que “o Urubu não será capital”.

A Lapa pelas lentes, 1868–1950. A sala de fotografia histórica pode seguir a Lapa em cinco olhares. A sequência vem de Cassimiro (SBE, 2019), corrigida pelas datas do Instituto Moreira Salles e completada com o relatório de Nery Guimarães (1947).

Fotógrafo	Data	O olhar	Onde está
Augusto Riedel	1868	O morro como paisagem, visto da margem esquerda	Biblioteca Nacional (domínio público)
Reginald Gorham	c. 1927	A cidade: a capela do Carmo com lampião a óleo; os pedintes à porta do santuário	Biblioteca Nacional (levantamento em curso)
J. Fontes, para Nery Guimarães	1946	O olhar médico: doentes, romeiros, barracas, rua dos mendigos	Fiocruz (*Memórias do IOC*, 1947)
Marcel Gautherot	1946 (e talvez depois)	O olhar etnográfico: barcas, carrancas, romeiros, interior do santuário	Instituto Moreira Salles; ampliações no MASP
Pierre Verger	1946 (Cassimiro cita foto de 1950)	O romeiro como protagonista; os aguadeiros	Fundação Pierre Verger

Marcel Gautherot no São Francisco

Marcel Gautherot (Paris, 1910 – Rio de Janeiro, 1996), arquiteto de formação, ajudou a montar o Musée de l'Homme em Paris e veio ao Brasil em 1939, levado pela leitura de *Jubiabá*, de Jorge Amado. Fixou-se no Rio, fotografou para o SPHAN e para a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e fez a documentação clássica da construção de Brasília. Buscava, dizia, a expressão "mais natural" da alma brasileira, que julgava condenada a desaparecer: "Eu me interessava mais pelo povo". Para Lygia Segala (*Anais do Museu Paulista*, 2005), o vale do São Francisco teve "especial relevância" em suas viagens. Seu acervo, cerca de 25 mil fotogramas, foi comprado pelo Instituto Moreira Salles no fim dos anos 1990.

- **A viagem de 1946.** Segundo o IMS, Gautherot e Pierre Verger percorreram juntos o litoral e o interior da Bahia e o Médio São Francisco, e fotografaram um ao outro no rio. O acervo do IMS tem uma foto de Verger que mostra Gautherot fotografando carrancas em barcos em Bom Jesus da Lapa, em 1946. As datas de 1948 (Gautherot) e 1950 (Verger) dadas por Cassimiro precisam, portanto, ser revistas: a primeira passagem documentada dos dois pela Lapa é de 1946.
- **Por que a Lapa.** As grandes barcas de comércio se reuniam em ocasiões especiais, como a romaria do Bom Jesus, e foi numa dessas reuniões que Gautherot as fotografou: a romaria juntava no mesmo porto a maior concentração de carrancas do rio.
- **O que fotografou.** Cerca de 30 carrancas (nove delas depois localizadas em coleções, sete expostas em 2015); as barcas antigas dividindo o rio com os vapores da Companhia de Navegação do São Francisco e com as canoas sergipanas; e, segundo o IMS, centenas de fotografias no rio. Na Lapa, Cassimiro cita as fotos IMS 08790 (romeiros a caminho, com o morro, a torre e a capela do Carmo), 07631 (casamento coletivo saindo do santuário) e 07609 (altar do Senhor dos Passos com estalactites, a única vista interna entre os fotógrafos antigos).

Ano	Publicação	Conteúdo
1947	*O Cruzeiro*	"Carrancas de proa do São Francisco", texto de Theóphilo de Andrade (segundo a Itaú Cultural), fotos de Gautherot: a primeira matéria sobre carrancas numa revista de grande circulação. Número e data da edição a localizar na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
1950	*Brésil*	Álbum com 217 fotografias de Antoine Bon, Pierre Verger e Gautherot, com as carrancas
1951	*Sombra*	Ensaio sobre as carrancas, com texto do próprio Gautherot
1955	*Módulo*	"Carrancas de proa do rio São Francisco", com a descrição dos tipos de barco do Médio São Francisco
1995	*Bahia: rio São Francisco, Recôncavo e Salvador*	Livro da primeira exposição individual dele no Brasil (Casa França-Brasil), com introdução de Lélia Coelho Frota

A fotografia que tirou a carranca da proa. No texto da *Sombra* (1951), Gautherot reconhece que a publicação de suas fotos ajudou a retirar as carrancas dos barcos: viraram objeto de colecionador e saíram do rio. Foi o mesmo movimento que fez Mestre Guarany voltar a esculpir em 1953, agora para colecionadores. É um painel honesto para o museu: a imagem que revelou a carranca ao Brasil também a arrancou do rio.

Hipótese: a romaria de 1946 vista por três lentes. Nery Guimarães e o fotógrafo J. Fontes chegaram à Lapa em 31 de julho de 1946, para a romaria. Gautherot e Verger fotografaram as barcas reunidas na romaria do mesmo ano. Se as datas se confirmarem, a festa de 1946 foi registrada ao mesmo tempo pelo olhar

médico (Fontes), pelo etnográfico (Gautherot) e pelo do romeiro (Verger). O IMS não informa o dia exato da passagem de Gautherot; a hipótese deve ser confirmada antes de ir para a parede.

- A verificar: o dia da passagem de Gautherot e Verger pela Lapa em 1946 (perguntar ao IMS e à Fundação Pierre Verger); o número de *O Cruzeiro* de 1947; os textos da *Sombra* (1951) e da *Módulo* (1955), os relatos mais próximos de um diário de viagem dele
- Direitos: as fotografias de Gautherot são geridas pelo IMS e as de Verger pela Fundação Pierre Verger; exibição e reprodução dependem de licença
- Para a sala: as fotos de Gautherot e Verger fotografando um ao outro no rio, e as de Fontes, lado a lado

Dom Pedro II no rio (1859)

O imperador nunca subiu ao médio São Francisco. O que escreveu sobre o rio está no diário da viagem às províncias do Norte, publicado pelo Museu Imperial: em outubro de 1859 ele subiu o baixo rio a vapor, de Piaçabuçu a Piranhas, e chegou a cavalo à cachoeira de Paulo Afonso em 20 de outubro.

- **Com o mapa de Halfeld na mão.** “Quis conservar-me sobre a caixa para examinar o mapa do Halfeld em que pus alguns sinais, que em parte mostram a variação do canal.”
- **A crítica.** Em Penedo: “esta gente nem ainda cuida de regularizar a navegação do Rio de S. Francisco”. Pediu providências contra as tapagens do rio, “nocivas à pobreza, e à procriação do peixe”.
- **Paulo Afonso.** “Tentar descrever a cachoeira em poucas páginas, e cabalmente, seria impossível.” Do centro das sete quedas, “o arco-íris produzido pela poeira de água completava esta cena majestosa”. Desceu à furna dos morcegos e caiu três vezes, “felizmente sem me machucar”.

Para a sala: o diário aberto ao lado do atlas de Halfeld, mostrando os dois documentos que o imperador usou juntos. Nada escrito por ele sobre Bom Jesus da Lapa foi encontrado.

A Comissão Hidráulica: Roberts e Derby (1879–1880)

A Comissão Hidráulica do Império subiu o rio da foz a Pirapora em 1879, chefiada pelo engenheiro norte-americano William Milnor Roberts (Filadélfia, 1810 – Soledade, 1881), ex-engenheiro-chefe da Northern Pacific Railroad e presidente da American Society of Civil Engineers em 1878. Com ele vieram o geólogo Orville Derby e o jovem Theodoro Sampaio. Em 21 de novembro de 1879 o vapor da comissão fundeou diante do Serrote da Lapa; no dia seguinte, Derby e Sampaio subiram o morro.

Documento	O que contém	Onde está
Relatorio de W. Milnor Roberts … sobre o exame do Rio S. Francisco, do mar à cachoeira da Pirapóra (Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1880)	2.122 km estudados; cerca de 800 milhas de “navegação razoável para vapores leves”; canais de 30 m de largura e 1,25 m de fundo entre Sobradinho e Jatobá; custo de 547:800$000	Exemplar digital na Oliveira Lima Library, Catholic University of America (acesso restrito); procurar exemplar na Biblioteca Nacional
Orville Derby, *Reconhecimento geológico do vale de São Francisco* (anexo, p. 1–24)	O primeiro estudo geológico do vale inteiro (conteúdo ainda não lido)	Anexo ao relatório de Roberts

Documento	O que contém	Onde está
Theodoro Sampaio, diário e desenhos	A subida de Juazeiro a Pirapora e a Lapa em 1879	*O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina* (1905/1906); Arquivo Theodoro Sampaio, IGHB

Roberts morreu de febre tifoide em Soledade, em 1881, sem ver as obras. A Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco trabalhou no trecho de Sobradinho a Jatobá de 1883 a 1896 e desobstruiu cerca de quinze corredeiras.

A viagem, pelo próprio Roberts. O relatório completo, com a introdução narrativa e os anexos, permite reconstituir a expedição:

Data	O que aconteceu
31/7/1879	A comissão sai do Rio de Janeiro: Roberts, o primeiro engenheiro Antonio Placido Peixoto do Amarante, Rodolpho Disser, Domingos Sergio de Saboia e Silva, Alfredo Lisbôa, Miguel Antonio Lopes Pecegueiro, Theodoro Sampaio, Thomaz de Aquino e Castro e o geólogo Orville Derby
18/9/1879	Parte do Atalho, acima de Paulo Afonso, em ajoujos à vela e à vara, com “uma excellente tripolação de canoeiros indios, e dous pilotos de primeira ordem, indios e irmãos”
20–26/10/1879	No alto do Sobradinho; em Santa Ana encontra o vapor *Presidente Dantas*, parado havia três anos, e o põe a funcionar com o maquinista Jovino Antonio Pereira e o “bom pratico indio” Fabio
21–22/11/1879	Medições “abaixo do Itabirava” (o antigo nome do morro) e em Bom Jesus da Lapa, a 620 km abaixo de Pirapora; dia em que Sampaio e Derby sobem o serrote
14/12/1879	Chegada ao salto de Pirapora; em Januária, um novo prático, “homem intelligente, de côr”, que nunca pilotara vapor mas conhecia o rio
22/12/1879	Em Carinhanha, Theodoro Sampaio desembarca e segue por terra até a Bahia (835 km, 35 dias)
8/2/1880	Volta à Corte; 2.644 km de navegação a vapor “livre de accidentes”

Sem lenha contratada ao longo do rio, a tripulação parava para cortá-la. Roberts escreveu que a escolta armada imposta à expedição foi desnecessária: “em toda parte invariavelmente achámos o povo muito cortez, amavel e prompto a obsequiar”. Nas conclusões, recomendou encomendar nos Estados Unidos dois vapores de roda na popa, de meio metro de calado, e observou que o alto São Francisco tinha na seca mais água que o Ohio.

A travessia de Theodoro Sampaio (Annexo N.º 2). O relatório que Sampaio entregou a Roberts em 10 de abril de 1880 descreve o caminho Carinhanha–Monte Alto–Caetité–Rio de Contas–Santa Isabel do Paraguaçu (Mucugê)–São Félix. Três trechos interessam diretamente ao museu: os “ossos fosseis de *megatherium*” em poços naturais do granito, no vale do rio das Rãs; a mata virgem de “não menos de 30 leguas quadradas” em volta da serra da Malhada; e a observação de que “a venda de escravos é hoje considerada o negocio mais lucrativo destes sertões”, com famílias inteiras levadas a pé para o Rio e São Paulo. Sobre Carinhanha, registra 10.893 habitantes em 1872, 104 pequenos engenhos de rapadura e 30 alambiques.

O texto integral da introdução de Roberts, do relatório de Sampaio e do estudo de Derby foi transcrito para o museu em edição digital (EPUB, 2026).

Núcleo V — Viver no rio (1): saúde, fé e liberdade

9. Saúde e endemias: as “carneiradas” e as missões sanitárias

O rio que dava vida também adoecia. Halfeld registra na Lapa as “carneiradas”, isto é, a malária, e as “opilações”, o amarelão. Depois vieram a doença de Chagas, a esquistossomose, a febre amarela e a lepra. A sala conta a luta contra elas: a expedição de Neiva e Penna pelo sertão (1912), o Serviço Nacional de Malária, o DNERu e a SUCAM, com os guardas que borrifavam as casas de taipa, e a saúde levada às comunidades isoladas por médicos como Noel Nutels.

- A casa de taipa e o barbeiro; o mosquito e a lagoa marginal
- Os guardas da SUCAM: fardas, bombas de borrifar, fichas de visita, depoimentos
- Linha do tempo das campanhas, até o SUS e a saúde da família
- Ligação com a saúde de hoje na região (um tema que o idealizador conhece por dentro)

Três visitas da ciência à Lapa. O Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) deixou três registros de Bom Jesus da Lapa, que juntos cobrem meio século de saúde no sertão.

Ano	Quem	O que registrou	Onde está
1912	Adolpho Lutz e Astrogildo Machado	Malária, sífilis, o barbeiro *Triatoma sordida*; fotos do morro e da cidade	*Memórias do IOC*, 1915; negativos de vidro na Casa de Oswaldo Cruz
1946	F. Nery Guimarães e o fotógrafo J. Fontes	Inquérito de cerca de mil romeiros na festa de agosto	*Memórias do IOC*, 1947 (Arca/Fiocruz)
Anos 1950–60 (a confirmar)	Noel Nutels e o SUSA	Imagens filmadas na Lapa	Acervo Noel Nutels (Casa de Oswaldo Cruz); vídeo de 2000

Lutz e Machado no vapor (maio de 1912)

Adolpho Lutz, um dos fundadores da medicina tropical no Brasil, desceu o São Francisco de Pirapora a Juazeiro com Astrogildo Machado, a pedido da Inspetoria de Obras contra as Secas, dirigida por Arrojado Lisboa. Viajaram em plena seca: “Não houve chuvas durante todo o tempo da excursão”. O relatório saiu nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* em 1915.

- **8 de maio, a chegada.** Saíram de Barreiras às 5 da manhã e chegaram “ás 9.30 á Lapa, (634 quilómetros de Pirapora) cujo morro esquisito jà era visível muito tempo antes”. Subiram à gruta, onde viram gameleiras “segurando-se por meio de enormes raizes completamente expostas” nos paredões. “Do alto, vê-se bem a cidade que tem algumas ruas paralelas muito longas. Tiraram-se fotografias da lapa, do morro, da cidade e da vista de cima.”
- **9 de maio.** Excursão a cavalo a uma fazenda com uma lagoa permanente, cheia de caramujos (“paludinas”), e volta por um caminho com vista do outro lado do morro. Chegou o vapor *Pirapora* com a correspondência; as cartas seguiram pelo vapor *Matta Machado*.
- **As doenças da Lapa.** “Havia bastante impaludismo e alguns casos de sífilis, mas a tripanose e o papo não são endémicos.” Tripanose é a doença de Chagas; papo, o bócio. “Na Lapa se observa a *Triatoma*

sórdida; a *megista*, conhecida apenas por algumas pessoas, deve ser muito rara.” A *megista* (hoje *Panstrongylus megistus*) era o barbeiro em que Carlos Chagas descobrira o parasita em 1909.

- **A cutia.** Na Lapa compraram uma “cotia de rabo” muito mansa, que passeava solta no convés. Dias depois, ela se atirou na água, nadou até a margem e “foi capturada outra vez, já no mato, pelo comandante e pelos marinheiros”.
- **10 de maio.** “Ás 9,20 despedimo-nos da Lapa e dos seus habitantes” e o vapor entrou na foz do rio Corrente, “situada do outro lado e um pouco abaixo da Lapa”.
- **A pedir:** as digitalizações em alta resolução e a ficha de cada negativo à Casa de Oswaldo Cruz, inclusive o item “Morro da Lapa visto de frente” da Base Arch e as outras chapas da série.

As fotografias de 8 de maio de 1912. As imagens dessa manhã existem: negativos de vidro na Casa de Oswaldo Cruz e cópias em papel com o carimbo “8-V-12”, a mesma data do relato. Elas mostram exatamente o que o texto anuncia: “da lapa, do morro, da cidade e da vista de cima”. São, até agora, as fotografias mais antigas da Lapa conhecidas depois das de Riedel (1868).



“Da lapa.” A entrada do santuário: escadaria, cruzeiro e capelinha ao pé do paredão. Negativo de vidro. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.



“Da cidade.” Casario térreo ao pé do morro; o paredão de calcário com as gameleiras que Lutz descreve. Negativo de vidro, 1912.



“Do morro.” “Vista tirada do morro da Lapa. 8-V-12”: os lapiás (torres de calcário) no alto. Cópia em papel, C. 25, n.º 2.



“Da vista de cima.” “Vista da Lapa, tirada do morro. 8-V-12”: as ruas paralelas “muito longas”, as vazantes e o rio. Cópia em papel, C. 24, n.º 48.



A cidade e o rio vistos do alto do morro, com os lapiás em primeiro plano. Negativo de vidro, 1912. Todas: expedição Adolpho Lutz e Astrogildo Machado, Instituto Oswaldo Cruz, 8 de maio de 1912. Autor da fotografia não identificado. Domínio público pela idade (Lei 9.610/1998, art. 44); reproduções em alta resolução e uso da imagem a pedir à Casa de Oswaldo Cruz.

O que as fotos mostram. Uma cidade de casas térreas em ruas compridas e paralelas ao rio, sem calçamento, com o morro grudado no casario. Entre a cidade e o São Francisco, a vazante dividida em cercados, as lagoas marginais (as mesmas que criavam o mosquito da malária anotada por Lutz) e uma ilha no leito. No alto, os lapiás do calcário Bambuí. Comparar com Riedel (1868) e com Gautherot e Verger (1946) é ver a Lapa mudar em oitenta anos; refotografar hoje dos mesmos pontos daria uma exposição.

Nery Guimarães e os romeiros (agosto de 1946)

Enviado pelo diretor do Instituto, Henrique Aragão, o médico F. Nery Guimarães voou do Rio em 31 de julho de 1946 com o fotógrafo J. Fontes, num avião da Navegação Aérea Brasileira, com escala em Lagoa Santa. Chegaram à Lapa ao meio-dia e ficaram para a festa. O resultado é o relatório “Doenças encontradas nos romeiros de Bom Jesus da Lapa, Bahia” (*Memórias do IOC*, 1947), com 41 páginas e cerca de 30 fotografias.

- **Um mutirão de médicos.** Trabalharam com ele Bruno Lobo (tracoma), Lessa de Andrade (Pernambuco), os oftalmologistas Romanguera e Hermínio Conde e os médicos da Lapa Dermeval Guimarães (Posto de Higiene), Bráulio Barral e Josefino Moreira de Castro. O bispo D. Muniz mandou freiras para ajudar. Foram examinados cerca de mil romeiros, com 905 fichas.
- **A cidade na festa.** Pouco mais de mil casas e menos de 3 mil habitantes, para uma população que crescia de 6 a 8 vezes na romaria (cerca de 50 mil romeiros por ano). Centenas de barracas de palha na vazante eram alugadas por 100 cruzeiros; outros dormiam nas grutas ou debaixo das árvores.
- **Como chegavam.** “De canôa, os de perto. De navio, os de longe”, no vapor *São Salvador* e nas barcas que ele rebocava de Pirapora a Juazeiro. Outros de caminhão, a cavalo, de carro de boi e, a maioria, a pé; um velho caminhou quase três meses desde Garanhuns.
- **O morro.** Descreve o “covil do ladrão”, a “cova do monge” com a lápide de Francisco da Soledade, as covas da onça e da serpente, a sala dos milagres, a “gôta do milagre”, o “sino de pedra” e a torre parada porque a rocha rachou.
- **O que encontraram.** Malária: 7 de 28 lâminas positivas (*P. vivax* e *P. falciparum*), e o juiz, um médico e a família do prefeito estavam doentes. Leishmaniose (teste de Montenegro positivo em 3 casos) e úlceras; bócio de romeiros vindos de Itabuna, Remanso, Correntina, Pedro Afonso e da

própria Lapa; tracoma e “sapiranga”; alastrim. Nenhum caso agudo de doença de Chagas, embora o barbeiro fosse conhecido e houvesse queixas de “mal de engasgo”.

- **Medicina sertaneja.** Uma romeira de Riacho, no município da Lapa, curou uma ferida com “tapurú”, larvas de mosca. Nery observa que a ciência tinha adotado a mesma terapia cerca de vinte anos antes.
- **Cuidado na exposição.** O texto usa a linguagem da época sobre a fé sertaneja (“festa fanático-religiosa”). As citações devem vir com contexto, sem endossar o tom.
- **Na sala:** uma ficha de romeiro reconstituída, o microscópio de campo, as fotografias de J. Fontes (direitos a verificar na Fiocruz) e o mapa de onde vinham os romeiros examinados. Ver também a sala 8 (“a romaria de 1946 vista por três lentes”) e a sala 10.

Noel Nutels e a saúde que chegava pelo ar. Nascido na Ucrânia em 1913 e formado em medicina no Recife, Noel Nutels se especializou em tuberculose e foi o médico da Expedição Roncador-Xingu, da Fundação Brasil Central, a partir de 1943, ao lado dos irmãos Villas-Bôas. Em 1956, criou o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA), ligado ao Serviço Nacional de Tuberculose do Ministério da Saúde, que levava de avião equipes para vacinar, fazer testes de tuberculina, radiografias, extrações dentárias e educação em saúde a populações indígenas e isoladas do interior. Dirigiu o serviço até morrer, em 1973 (Costa, *Cadernos de Saúde Pública*, 1987).

- **Nutels em Bom Jesus da Lapa.** O acervo Noel Nutels, guardado pela Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), tem imagens filmadas em Bom Jesus da Lapa. Em 2000, a Fiocruz montou com elas o vídeo "Bom Jesus da Lapa, Bahia – Noel Nutels", de 20 minutos, dirigido por Stella Oswaldo Cruz Penido.
- **A pesquisar:** a data das filmagens, quantas vezes Nutels esteve na Lapa e se as visitas foram ações da SUSA, consultando o acervo na Casa de Oswaldo Cruz.
- **Na sala:** trechos do filme, uma maquete do avião sanitário, o equipamento portátil de raio X e de vacinação e o mapa das rotas aéreas da saúde no sertão.
- **Depoimentos:** moradores que se lembrem das equipes de saúde que chegavam de avião.

10. A romaria do Bom Jesus da Lapa

Em 1691 o português Francisco de Mendonça Mar recolheu-se à gruta como eremita; ordenado padre, ficou conhecido como Francisco da Soledade. A gruta virou santuário, e a romaria cresceu com os romeiros que chegavam a pé, a cavalo, de canoa, de barca e depois de vapor, caminhão e ônibus. Acolheu enfermos, pobres e escravizados; Halfeld, em 1852, descreve a gruta, os morcegos e os sepultamentos no chão do templo.

A Lapa no século XVIII: os primeiros relatos impressos

A Lapa já aparecia em livros impressos em Lisboa enquanto Francisco da Soledade vivia ou logo depois de sua morte, por volta de 1722. Os três textos abaixo foram lidos no original e podem formar uma pequena edição anotada do museu, *A Lapa no século XVIII*, no formato das edições de Halfeld, Wells e Gardner.

Obra	Ano	O que registra
Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*, tomo IX, Livro I, Título CXXXI	1722	Francisco de Mendonça, “com trinta annos, ou pouco mais”, parte “pelos annos de 1680, pouco mais ou menos”, com um Crucifixo “do tamanho de tres palmos” e uma lâmina da Soledade “tão pequena como a palma de huma mão”; o templo “em fórma de Cruz”, de duzentos palmos, com teto que “representa hum Céo com nuvens” e “hum sino com badalo também de pedra”; o morro chamado “Itabarabá”, “Pedra que luz”; o “monte Calvário” que recebia exatamente a cruz do eremita; a imagem da Soledade levada “sempre por terra”, recebida “com muytos tiros, muytas luminárias”; o santuário frequentado “assim de sãos, como de enfermos”, e “huma povoação” a uma légua, que “cada dia vay crescendo mais”
Sebastião da Rocha Pita, *História da América Portugueza*, Livro VII, §§ 80–87	1730	A lapa “occulta […] ao trato dos racionaes e só permittida á fereza dos brutos”; o templo “com capella mór e collateraes”, de 33 passos no cruzeiro e 80 de comprimento; “uma varanda descoberta de cincoenta palmos, por onde penetrando a luz, lhe faz todos os logares claros” (prova de que a abertura no paredão é natural, anterior ao incêndio de 1903); o sino de pedra que soava “como os de metal mais finos”, talvez a origem da Pedra do Sino; “Itáberava (que no idioma do paiz quer dizer pedra que luz)”; o visitador mandado por D. Sebastião Monteiro da Vide, que achou os altares ornados “com as esmolas dos peregrinos”
José de Santa Rita Durão, *Caramuru*, Canto VII, estrofes 8 e seguintes	1781	O poema épico leva Diogo Álvares à margem do São Francisco, “numa lapa, que esconde alto mysterio”, um templo natural “com capella maior, nave, e cruzeiro”; nota do autor: “Esta he a celebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça um admirável edifício”. Burton usou o verso como epígrafe do capítulo da Lapa, em 1869

A data da ordenação. O *Santuário Mariano*, praticamente contemporâneo, diz que Francisco “se ordenou no anno de 1700”; Micek dá 1706 e Souza e Sampaio (2024), 1709. A divergência deve ser resolvida nos documentos da Cúria de Salvador.

- **Outros documentos a localizar:** a carta de Francisco da Soledade ao rei, de 1717, pedindo terras para um hospital “para que assim possa o suplicante remediar as necessidades dos passageiros e romeiros e mais pobres e enfermos” (transcrita em Segura, 1937, p. 119; o original deve estar no Arquivo Histórico Ultramarino, a buscar no catálogo do Projeto Resgate); a visita do enviado do arcebispo em 1702 e a elevação da gruta a capela (Arquivo da Cúria de Salvador); o Códice Costa Matoso (1749–1752), com edição da Fundação João Pinheiro (1999); e a descrição de *O Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira (1728), citada por Steil e ainda não localizada no texto
- **Na sala:** fac-símiles das páginas do *Santuário Mariano*, de Rocha Pita e do *Caramuru*, com transcrição modernizada ao lado; a carta de 1717 em reprodução, quando localizada

Manifestação da cultura nacional. A Lei n.º 15.197, de 5 de setembro de 2025 (*Diário Oficial da União* de 8 de setembro de 2025), declarou a Romaria do Senhor Bom Jesus da Lapa manifestação da cultura nacional. O reconhecimento federal reforça o argumento de um museu que guarde e explique essa tradição.

- A gruta antes e depois: gravuras, fotografias, maquete
- Ex-votos e promessas, com os estudos antropológicos sobre a romaria
- Os caminhos dos romeiros: o rio, as estradas, o pau-de-arara
- A romaria dos negros de 1882 e a construção atribuída a Trívio Vila Nova (a confirmar nas fontes)
- A romaria estudada: Carlos Steil, romeiros e turistas (*Horizontes Antropológicos*, 2003); Sandra Oliveira, o catolicismo popular (*Fragmentos de Cultura*, 2011); Daniel Souza, religião e turismo (*Caminhos*, 2024)

- As cartas dos devotos ao Bom Jesus, analisadas na tese de Elvina Almeida (UFMG, 2021): uma vitrine de cartas reais, com autorização do Santuário

A romaria pelas lentes dos fotógrafos. A Lapa foi fotografada por alguns dos maiores nomes da fotografia no Brasil. O levantamento de Roberto Cassimiro (Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2019) é o ponto de partida:

Fotógrafo	Data	Acervo	O que registrou
Augusto Riedel	1868	Biblioteca Nacional (coleção Thereza Christina Maria); domínio público	O morro visto da margem esquerda, na viagem do duque de Saxe
Reginald Gorham	c. 1927	Biblioteca Digital Luso-Brasileira (15 fotos da Lapa)	A capela do Carmo e a entrada do santuário, com pedintes à espera dos romeiros
Marcel Gautherot	1946 (IMS; Cassimiro dá 1948)	Instituto Moreira Salles	Romeiros na estrada, um casamento coletivo e o interior da gruta, que só ele fotografou entre os quatro
Pierre Verger	1946 (IMS; Cassimiro dá 1950)	Fundação Pierre Verger, Salvador	Romeiros e aguadeiros com o morro ao fundo; distribuição de alimentos a flagelados da seca
João Machado	2002 em diante	Exposição e catálogo *Herança do Pai* (Fundação Pierre Verger, 2023)	As romarias do pai, num olhar contemporâneo e afetivo

Acervo permanente Pierre Verger. Propõe-se uma galeria fixa com as fotografias de Verger na Lapa e no sertão, em reproduções licenciadas pela Fundação Pierre Verger. As imagens não são de domínio público: o acordo deve definir quantas, em que formato, por quanto tempo e com que crédito. O mesmo modelo vale para Gautherot, com o IMS. Riedel, em domínio público, pode entrar em grande formato; Gorham depende de conferir os direitos.

Para avaliar outros fotógrafos, o museu pode pesquisar os acervos do IMS, da Brasiliana Fotográfica e da Fundação Pierre Verger. Pode também criar um concurso anual de fotografia da romaria, que alimenta o acervo com olhares da região.



A gruta do Bom Jesus durante a romaria. Foto: Turismo Bahia, 2011, Wikimedia Commons, CC BY-SA 2.0.



O morro e o santuário do Bom Jesus da Lapa hoje. Foto: Uelder Negrão, Wikimedia Commons, CC BY-SA 4.0.

A romaria no cinema e na televisão. Não se encontrou até agora nenhum documentário antigo, das décadas de 1950 a 1980, sobre a romaria; vale perguntar à Cinemateca Brasileira e aos acervos das emissoras baianas. O que existe:

Filme	Ano	Quem fez	O que é
Bom Jesus da Lapa, Bahia – Noel Nutels	2000	Fiocruz; direção de Stella Oswaldo Cruz Penido	20 min, com imagens da coleção Noel Nutels; o mais antigo material em movimento encontrado sobre a Lapa
Lapa do Bom Jesus	2023	TV Bom Jesus, do Santuário; apresentação do Pe. William Betonio	Cerca de 1h08, também em três episódios na TV Aparecida (3 a 6 de agosto de 2023); a romaria contada pelo padre, pelo superintendente da Codevasf Harley Xavier, pela professora Sandra Célia (UNEB), pelo cantor Paulo Araújo e pelo chef Salmen Bukzen
A Cidade do Futuro e *Sobradinho*	2016 e 2020	Cláudio Marques e Marília Hughes	A Serra do Ramalho e o êxodo de Sobradinho (ver sala 17)

11. Quilombos do São Francisco

As terras baixas e as lagoas do vale abrigaram comunidades negras formadas por fugidos e libertos. Rio das Rãs, em Bom Jesus da Lapa, é a mais conhecida, reconhecida depois de longa luta pela terra.

- Mapa das comunidades quilombolas certificadas no Médio São Francisco
- História oral gravada com os mais velhos, em parceria com as comunidades
- O Rio das Rãs, quilombo do próprio município, com bibliografia sólida: Valdélio Silva (*Afro-Ásia*, 1999) e Carlos Steil (*Revista de Ciências Humanas*, 1998), sobre a luta pela terra de 1977 a 1995

Rio das Rãs: do Mocambo ao título

A memória da comunidade liga sua origem a escravizados fugidos e negros livres que viviam ali antes da família Teixeira; o núcleo mais antigo chamava-se Mocambo. As terras eram parte do morgadio dos Guedes de Brito, a Casa da Ponte, que Burton viu começar na Boa Vista em 1867. Segundo João Marques da Silva, com base no antropólogo José Jorge de Carvalho, o major Francisco Teixeira Araújo comprou a área em 1868; depois de 1822, moradores nascidos livres em Mocambo e Pau Preto chegaram a ser escravizados por portugueses contrários à Independência.

Ano	Fato
1972–1974	Os Teixeira proíbem roças e pesca e derrubam casas e uma igreja com trator
1982	Parte da fazenda é vendida à algodoeira Bial-Bonfim; começam ameaças e jagunços
1985	127 casas derrubadas; a terra cercada com arame farpado
1988	Sessenta famílias expulsas
1990	Decisões judiciais favoráveis aos posseiros descumpridas três vezes; envenenamento do rio em Aribá
1992	Parecer da Fundação Palmares reconhece Rio das Rãs como remanescente de quilombo, um dos primeiros casos do país
1993	Laudo antropológico de José Jorge de Carvalho: cerca de 300 famílias, em sete localidades, antes das expulsões
1996	O INCRA cria o Projeto Especial Quilombola Rio das Rãs, com 23.071 hectares

Ano	Fato
1998	Concessão de direito real de uso por cinco anos
2004	Nova certidão da Fundação Palmares; o título definitivo segue pendente (processo no INCRA desde 2013)
2026	Acordo judicial com MPF, Infra S.A. e INCRA, por causa da ferrovia FIOL, prevê titulação e cerca de R$ 105 milhões em medidas para Rio das Rãs, Araçá-Volta, Bebedouro, Lagoa do Peixe e Nova Batalhinha

Tomé Nunes, em Malhada. A fazenda de Thomé Nunes que Theodoro Sampaio atravessou em 1879, na estrada de Carinhanha, tem o mesmo nome do Quilombo Tomé Nunes, em Malhada, certificado pela Fundação Palmares (processo 01420.000604/2004-18, Portaria n.º 35/2004). Pelo nome e pela localização parece tratar-se do mesmo lugar, o que deve ser confirmado com a comunidade.

- Leituras de base: Siglia Zambrotti Doria, “O Quilombo do Rio das Rãs”, em Eliane Cantarino O’Dwyer (org.), *Terra de Quilombos* (ABA, 1995); João Marques da Silva, dissertação de mestrado em História (UFG, 2015); Carlos Steil, “Política, etnia e ritual” (1998); Valdélio Silva (*Afro-Ásia*, 1999)
- Na sala: a linha do tempo da luta pela terra, os depoimentos dos mais velhos e os trechos de Halfeld e Burton sobre a barra do rio das Rãs

Núcleo V — Viver no rio (2): trabalho, poder e imaginação

12. Economia: do curral à irrigação

O vale viveu do gado, do sal da terra, da rapadura, do algodão e da pesca, numa economia de subsistência ligada ao comércio fluvial. No século XX vieram a Comissão do Vale do São Francisco (1948), a Codevasf (1974) e os perímetros irrigados, como o Formoso, em Bom Jesus da Lapa, e o Jaíba, no norte de Minas.

- As salinas de Halfeld: a terra lavada, o cocho, a bruaca de sal
- Mapa dos perímetros irrigados e das culturas de hoje

A Codevasf: o Estado chega ao vale. A Constituição de 1946 obrigou a União a aplicar no aproveitamento do São Francisco, por 20 anos, pelo menos 1% de suas rendas tributárias. Daí nasceu a cadeia de órgãos que planejou o vale no século XX:

Ano	Órgão	Ato
1948	Comissão do Vale do São Francisco (CVSF)	Lei n.º 541, de 15 de dezembro
1967	Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale)	Decreto-Lei n.º 292, de 28 de fevereiro
1974	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf)	Lei n.º 6.088, de 16 de julho
2000–2018	Codevasf amplia sua atuação ao Parnaíba, ao Ceará e a outras bacias do Nordeste	Leis sucessivas
2014	Codevasf torna-se operadora federal da transposição (PISF)	Decreto n.º 8.207

- Os perímetros irrigados da Codevasf, com destaque para o Formoso, em Bom Jesus da Lapa

- O debate: desenvolvimento, concentração de terras e custo ambiental
- Fonte: Senado Federal, Boletim Legislativo n.º 79

13. Poder e política: coronéis, barões e guerrilheiros

Onde o Estado faltava, mandavam os coronéis, com justiça, milícia e leis próprias. Wilson Lins, filho do coronel Franklin de Albuquerque, de Pilão Arcado, descreveu esse mundo em *O Médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros* (1952). O vale também deu ao Império o barão de Cotegipe, nascido na vila da Barra em 1815 e presidente do Conselho de Ministros de 1885 a 1888.

- Os coronéis da Barra, de Pilão Arcado, de Bom Jesus da Lapa e de Paratinga
- A guerra dos Guimarães em Paratinga (a pesquisar; Halfeld já cita em 1852 o "assassino Guimarães", dono de fazenda perto da Lapa)
- Combatentes que passaram pelo vale: a Coluna Prestes e veteranos de outras guerras (a levantar)
- Carlos Lamarca, morto em 1971 no sertão baiano, em Ipupiara, depois da fuga pela região de Brotas de Macaúbas

O coronel Neco. Chefe político do Médio São Francisco citado por Theodoro Sampaio em *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina* e por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*. É a ponte entre o coronel real e o coronel da ficção: um painel pode pôr lado a lado o que diz o engenheiro e o que diz Riobaldo (localizar as duas passagens e confirmar o nome completo e a base política do coronel).

O rio nas guerras. O São Francisco também foi caminho de soldados.

- **Canudos (1896–1897).** Juazeiro foi a base da primeira expedição contra Canudos, em novembro de 1896, e a retaguarda do rio serviu à campanha. Tropas vindas de Minas Gerais e de Goiás teriam descido o rio em barcos até Juazeiro, e os vapores teriam levado feridos de volta. A sala pode traçar esse caminho fluvial da guerra (localizar documentos e memórias que confirmem os batalhões, as datas e as embarcações).
- **Segunda Guerra Mundial (1942–1945).** Soldados da região convocados para a guerra passaram de vapor por Bom Jesus da Lapa a caminho dos quartéis. Recolher nomes, fotografias e depoimentos das famílias dos pracinhas do vale.
- **Coluna Prestes e outros combatentes** que cruzaram o vale (a levantar).

14. Literatura, música e imagens do rio

O rio entrou na literatura brasileira pelos viajantes e ficou nela pelos romancistas. A sala reúne os livros e as canções, com leitura em voz alta e audição.

- *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902), com a citação da Lapa como "a meca dos sertanejos" (confirmada em Steil, 1996, e em Souza e Sampaio, 2024, que a localizam na p. 375 da edição Brasiliense de 1985), e Wells com a "Meca do São Francisco": as duas imagens da Lapa como centro de peregrinação
- *Seara vermelha*, de Jorge Amado (1946): a família de retirantes que sobe o rio de vapor rumo a Pirapora

- *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1956): o rio é o eixo do romance. Ainda menino, Riobaldo atravessa o São Francisco numa canoa com o Menino, que anos depois ele reencontra como Diadorim; diante do medo do rio largo, ouve dele que "carece de ter coragem". O jagunço envelhecido conta a história à beira do São Francisco, e o Urucuia e as veredas do Oeste são o seu cenário. Também há a citação da romaria da Lapa (localizar a passagem)
- Wilson Lins, de Pilão Arcado: o ensaio *O Médio São Francisco* (1952) e os romances do coronelismo e dos remeiros, *Os Cabras do Coronel* (1964), *O Reduto* (1965), *Remanso da Valentia* (1967), *Responso das Almas* (1970) e *Militão sem Remorso* (1980)
- *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro (1961): Santa Maria da Vitória, o rio Corrente e os vapores
- *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019): a terra, o trabalho e a herança da escravidão no sertão baiano
- *Os romeiros*, romance de Deocleciano Martins de Oliveira (1942; 2.ª ed., Conquista, 1973): provavelmente a romaria da Lapa na literatura (a confirmar na leitura)
- Música: as cantigas dos remeiros e as canções do São Francisco — Maria Bethânia e o repertório do rio que ela gravou, "Sobradinho", de Sá e Guarabyra, e os compositores da região, como Paulo, de Bom Jesus da Lapa (levantar nomes completos, canções e gravações); ver abaixo Guttemberg Guarabyra e Zeca Bahia
- Artes visuais: pintores da região que retratam o rio, como Léo e Otoniel, de Bom Jesus da Lapa, com uma sala ou parede de exposições temporárias de artistas locais

A literatura dos remeiros e dos vapores

O antropólogo Zanoni Neves reuniu as obras de ficção que falam da vida nas barcas e nos vapores ("Os remeiros do São Francisco na literatura", *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 1, p. 155–210, 2003). Elas podem formar uma estante da sala, com leituras em voz alta:

Obra	Autor	Ano	O que traz
"Barca fantasma" e outros contos	D. Martins de Oliveira	1931	A iniciação do remeiro novato, a hierarquia da barca, a violência entre remeiros e patrões; os remeiros levam cabaças com velas ao Bom Jesus da Lapa, e a barca cuja tripulação ficou com o dinheiro é destruída por um raio
Os romeiros	Deocleciano Martins de Oliveira	1942	Romance, provavelmente da romaria da Lapa (a confirmar)
Porto Calendário	Osório Alves de Castro	1961	Santa Maria da Vitória; o ex-remeiro denunciado pelos calos do peito
Remanso da Valentia, *O Reduto*, *Militão sem Remorso*	Wilson Lins	1965–1980	A valentia e a marginalidade dos remeiros; barcas armadas nas guerras de coronéis; um ex-remeiro que mata em Pilão Arcado
"A araponga"	Accioly Lopes	1978	O remeiro Miguel Faiscô e o Negro d'Água
Maleita	Lúcio Cardoso	1934	O porto de Pirapora no fim do século XIX, com as barcas e suas carrancas

Obra	Autor	Ano	O que traz
“Pedro Barqueiro”	Afonso Arinos	1898 (*Pelo sertão*)	Um ex-escravizado que vira remeiro, é caçado e resiste
Jandaia em tempo de seca	Petrônio Braz	2002	O mestre da barca e a barca *Gaivota*, carregada de rapadura
“ABC do Antônio Moniz”	anônimo, poesia popular	—	A vida a bordo do vapor *Antônio Moniz*

Wilson Lins e a Lapa. Em *O Médio São Francisco* (1.ª ed. 1952; Brasiliana, vol. 377), o escritor de Pilão Arcado é quem mais fala da Lapa entre os autores da região. “Quem manda no vale é mesmo o Bom Jesus da Lapa”, escreve; rara era a família do vale “que já não tenha ido, a pé ou embarcada, à Lapa do Bom Jesus”. Quem não podia fazer a romaria punha os presentes no rio, em cabaças enfeitadas com velas, tostões e cachos de cabelo, “e a correnteza os leva diretamente para os pés do morro-santuário”; ninguém ousava desviá-los, e o Caboclo-d’Água era quem cuidava deles. Lins compara a serpente de asas da gruta à Quetzalcóatl mexicana e lamenta que ela “nem um conto inspirou ainda a qualquer escritor erudito ou popular”, um desafio deixado aos autores da região.

O “ABC da Carreira Grande”. Lins registra a toada em que os remeiros davam um apelido a cada porto, de Juazeiro a Pirapora. Pode virar uma parede que o visitante percorre de cidade em cidade:

> Juazeiro da lordeza / Petrolina dos missais / Santana dos cascais / Casa Nova da carestia / Sento-Sé da nobreza / Remanso da valentia / Pilão Arcado da desgraça / Xique-Xique dos Bundão / Icatu cachaça podre / Barra só dá ladrão / Morpará casa de palha / Bom Jardim da rica flor / Urubu da Santa Cruz / Triste do povo da Lapa / Se não fosse o Bom Jesus / Carinhanha é bonitinha / Malhada também é / Passa Manga e Morrinho / Paga imposto em Jacaré / Januária carreira grande / … / Pirapora é da poeira.

Dois compositores do Médio São Francisco no rádio do Brasil

Guttemberg Guarabyra. Guttemberg Nery Guarabyra Filho nasceu em Barra (BA), em 20 de novembro de 1947, segundo o Museu da TV; a ligação com Bom Jesus da Lapa é de família, onde os pais tinham casa. Filho de pastor batista, ele mesmo lembra a “pequena comunidade batista de Bom Jesus da Lapa” e as viagens de dias pelo São Francisco. No museu, deve ser apresentado como barrense, filho do Médio São Francisco, e não como lapense de nascimento (detalhes da infância na Lapa a confirmar com a família).

- **1967:** aos 19 anos, vence a fase nacional do II Festival Internacional da Canção, em 22 de outubro, com “Margarida”, cantada por ele e pelo Grupo Manifesto
- **1971:** forma com Luiz Carlos Sá e Zé Rodrix o trio Sá, Rodrix & Guarabyra, criador do “rock rural”, a mistura de rock e música caipira (*Passado, Presente e Futuro* e *Terra*, 1972)
- **1974–2025:** a dupla Sá & Guarabyra, de “Dona” (uma das músicas mais tocadas de 1985, na voz do Roupa Nova), “Roque Santeiro”, “Espanhola” (com Flávio Venturini), “Mestre Jonas” e “Caçador de mim”; três canções na trilha da novela *Roque Santeiro*. A dupla anunciou o fim em abril de 2025, com shows de despedida em Belo Horizonte e Itajaí
- **“Sobradinho”**, de Sá e Guarabyra, canta a barragem e as cidades que foram para o fundo do lago (Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado); o verso “o sertão vai virar mar” ficou na memória

coletiva. Pode ser a trilha da sala 17, das barragens e dos reassentados (disco e ano a confirmar; provavelmente *Pirão de Peixe com Pimenta*, 1977)

Zeca Bahia. José Ramos Santos nasceu na Praça do Livro, em Bom Jesus da Lapa, em 19 de março de 1950, e morreu em Brumado, em 6 de fevereiro de 2018, aos 67 anos.

- **"Porto Solidão"** (com Ginko): na voz de Jessé, deu a ele o prêmio de melhor intérprete no Festival MPB Shell da Rede Globo, em 1980; regravada por Altemar Dutra e Daniel. A imprensa local fala em mais de 3 milhões de cópias e mais de 100 regravações em 43 países (números a confirmar)
- **"Ave Coração"** (com Clodo Ferreira): gravada por Raimundo Fagner no LP *Beleza* (1979); Ferreira Gullar fez a versão "Ave Corazón", lançada por Fagner na Espanha

Artista	Ligação com a Lapa	Obra-chave para o museu
Guttemberg Guarabyra	Nascido em Barra; família na Lapa	"Sobradinho" (o rio e as barragens); "Margarida" (FIC 1967)
Zeca Bahia	Nascido na Lapa	"Porto Solidão" (Jessé) e "Ave Coração" (Fagner)

- Cabine de escuta com as canções do rio e os discos originais; painel "A Lapa no rádio do Brasil"
- Contatos: Guarabyra (que vive em São Paulo e escreve como cronista) e a família de Zeca Bahia, para depoimentos, discos e objetos pessoais

15. Folclore: o minhocão e a mãe-d'água

Os barqueiros contaram a Halfeld do minhocão que derrubava barrancos, da mãe-d'água de cabelos de ouro, da cachorrinha-d'água e do cavalo-d'água. Juntam-se a eles o nego-d'água e as carrancas que espantavam os maus espíritos.

- Sala sonora e escura, com as lendas contadas por narradores da região
- As cantigas de trabalho do rio, gravadas e transcritas
- O nego-d'água lido como mito atlântico de origem africana, que cita o São Francisco e as carrancas (Gabriela Paes, *Revista Brasileira de História*, 2019)
- Quase não há estudos publicados sobre lendas e festas do trecho da Lapa: o museu pode fazer esse registro e publicá-lo

Núcleo VI — O rio transformado

16. Ferrovias e integração nacional

O São Francisco foi o "rio da unidade nacional" porque ligava o Sudeste ao Nordeste. A ferrovia da Bahia chegou a Juazeiro em 1896 e a Central do Brasil a Pirapora em 1910: os trilhos alcançavam o rio nas duas pontas, e o vapor fazia o meio. Depois vieram as rodovias, e a navegação declinou até quase desaparecer.

- Mapa do sistema trem–vapor–trem entre o Rio de Janeiro e Salvador
- O declínio: estradas, caminhões, assoreamento e o fim das linhas de vapor



O porto fluvial de Juazeiro (BA) hoje. Foto: Sued Sheila Sarmento, Wikimedia Commons, CC BY 2.0.



Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), separadas pelo rio e ligadas pela ponte. Foto: Giovane Carneiro, Wikimedia Commons, CC BY 2.0.

O olhar dos militares: o rio da unidade e da defesa

Para os governos militares, o vale foi ao mesmo tempo laço da unidade nacional e sertão a controlar. O texto mais explícito é a mensagem do general Eurico Gaspar Dutra ao Congresso, em 1950, ao apresentar o plano

da Comissão do Vale do São Francisco (criada em 1948, pelo artigo 29 das Disposições Transitórias da Constituição de 1946):

> "Devemos, na ameaçadora conjuntura mundial em que vivemos, reforçar e apertar por todos os meios os liames da unidade nacional, quer no sentido espacial, quer no sentido social. A continuidade da ocupação territorial e de civilização, a ser estabelecida entre o Centro e o Nordeste do Brasil, representa hoje em dia elemento essencial dessa unidade e de nossa defesa."

Período	Quem	Como viam o vale
1896–1897	Exército em Canudos	Juazeiro como base da primeira expedição (nov. 1896); o sertão como inimigo a vencer
1935	Mário Travassos, *Projeção continental do Brasil*	O vale aparece só como referência regional, não como eixo geopolítico
1950	Gen. Dutra, presidente	O rio como laço da unidade nacional e da defesa; o vale como futuro "centro de civilização brasileira"
1971	Operação Pajuçara	O sertão do médio rio como esconderijo de guerrilha; Carlos Lamarca é morto em Ipupiara
1972–1978	Regime militar	Sobradinho e a Serra do Ramalho, a "cidade do futuro" (ver sala 17)
1974	Governo Geisel	Criação da Codevasf, sucessora da Comissão do Vale e da Suvale

A historiadora Dilma Andrade de Paula lê a mensagem de Dutra como uma versão atualizada do binômio civilização contra barbárie, em plena Guerra Fria.

17. O rio que subiu: a tragédia de Sobradinho e a Serra do Ramalho

Três Marias, Sobradinho, Itaparica, Paulo Afonso e Xingó mudaram o rio para sempre. Nenhuma, porém, deslocou tanta gente quanto Sobradinho. A obra começou em 1972 e a barragem foi inaugurada em março de 1978; o lago, de cerca de 4.214 km², cobriu Casa Nova, Remanso, Sento Sé e Pilão Arcado, as vilas que Halfeld descreveu em 1852, e dezenas de povoados. Viviam ali cerca de 72 mil pessoas, 80% delas camponeses, e só 13,9% tinham título da terra (Lygia Sigaud, 1986). Foi uma das maiores migrações forçadas da história do Brasil, e parte dela terminou aqui, entre Bom Jesus da Lapa e Carinhanha. Por isso esta tragédia social tem uma sala só sua.

A escolha que não houve. O povo pedia para ficar na borda do lago. O INCRA declarou inviável assentar ali cerca de 4 mil famílias e ofereceu a Serra do Ramalho, a mais de 700 km. A retirada, escreveu Sigaud, ficou "mais próxima de uma operação militar para evacuar o território". Quando o lago subiu, em dezembro de 1977, famílias fugiram na última hora, animais morreram afogados e há relatos de suicídios.

Destino das 8.619 famílias rurais (dados da CHESF, segundo Siqueira)	Parcela
Borda do lago	31% (2.653 famílias)
Caatinga, por conta própria	20% (1.751)
Novas sedes municipais	11% (974)
Serra do Ramalho	cerca de 12%

A Serra do Ramalho. O Projeto Especial de Colonização, de 258 mil hectares, foi organizado em 23 agrovilas, 20 em Bom Jesus da Lapa e 3 em Carinhanha. As fontes divergem sobre a data: 13 de maio de 1975 (caderno pedagógico da Prefeitura de Serra do Ramalho, 2024) ou Resolução INCRA n.º 49, de 27 de abril de 1976 (*Retratos de Assentamentos*, 2024). O plano era receber 4 mil famílias, depois 8 mil; vieram 1.402, das quais 600 não se adaptaram e só 802 ficaram. Muitos voltaram e passaram a chamar o projeto de "cativeiro"; os militares o chamavam de "cidade do futuro". O município de Serra do Ramalho foi criado em 1989.

Agrovila	Chegada	Cidades de origem
02	1975	Remanso; depois Carrapato, Baraúna e Bela Vista
03	a partir de maio de 1976	Sento Sé, Pilão Arcado, Casa Nova, Pau-a-Pique, Barra da Cruz
06	24 de setembro de 1976	Remanso, Casa Nova, Sento Sé
07	1976	Sento Sé, Pilão Arcado, Casa Nova

Fonte da tabela: Prefeitura Municipal de Serra do Ramalho, Serra do Ramalho: terra de grandes riquezas*, 2024.*

A viagem. A primeira transferência organizada pela CHESF foi em março de 1976, com 30 famílias. Para a Agrovila 06, um ônibus do projeto trouxe os primeiros moradores; o gado era proibido dentro do projeto, e as famílias que tinham animais mandaram o gado "de vapor" pelo São Francisco para as fazendas CSB e Lageado, enquanto seguiam para a agrovila. Na chegada não havia água encanada nem luz: a água vinha em carro-pipa e, na Agrovila 02, um único jipe do INCRA servia os recém-chegados, que iam a pé até a Lapa buscar mantimentos. A viagem de pessoas por barco, contada na região, ainda não foi encontrada documentada: é um dos registros que a história oral deve recuperar.

Os filmes.

Filme	Ano	Direção	O que mostra
Terra Roubada (*Geraubte Erde*)	1980	Peter von Gunten (Suíça)	Filmado às escondidas durante a retirada: a CHESF, a resistência dos camponeses, a recusa da Serra do Ramalho; 55 min, 16 mm, nunca exibido oficialmente no Brasil
Terra Prometida (*Gelobtes Land*)	1993	Peter von Gunten	As famílias que ficaram na caatinga, em São Gonçalo da Serra; Berlim, Locarno e mais de 150 sessões de cinema itinerante na região
A Cidade do Futuro	2016	Cláudio Marques e Marília Hughes	Ficção filmada e ambientada na Serra do Ramalho; o título retoma o apelido militar do projeto
Sobradinho	2020	Cláudio Marques e Marília Hughes	Documentário de 70 min: dona Pequenita, a única antiga moradora que voltou, vive na cidade-fantasma e revê vídeos e fotos antigas

A sala.

- **Entrada pela água:** o visitante entra por um corredor em que o nível de uma "água" projetada sobe pelas paredes até cobrir fotografias das quatro cidades
- **Parede dos nomes:** Casa Nova, Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado e os povoados que estão debaixo do lago, com as datas

- **Mapa animado do êxodo:** das cidades submersas às 23 agrovilas, com o vapor levando o gado rio acima e o ônibus levando as pessoas pela estrada
- **Objetos trazidos:** o que as famílias carregaram na mudança, por doação ou empréstimo, com a história de cada peça
- **Cabine de cinema:** trechos de *Terra Roubada*, *Terra Prometida* e *Sobradinho*, com licença dos diretores
- **Escuta:** "Sobradinho", de Sá e Guarabyra, e o verso "o sertão vai virar mar"
- **O balanço:** o que a barragem trouxe e o que levou (energia, irrigação, fim das cheias, fim das lagoas e da pesca)
- **Saída para o presente:** a Serra do Ramalho hoje, os filhos e netos dos reassentados, a titulação ainda incompleta (só 134 títulos registrados até 2021, segundo *Retratos de Assentamentos*) e os outros que vieram depois: sem-terra do Nordeste e do Centro-Sul, atingidos de Itaipu, o povo Pankararu e os quilombos Barreiro Grande e Água Fria

História oral, a tarefa mais urgente. Quem chegou em 1976 com 30 anos tem hoje cerca de 80. Gravar os depoimentos nas agrovilas, com a Prefeitura de Serra do Ramalho, a UFOB e a UNEB, é a melhor contribuição que o museu pode dar antes mesmo de existir, e o caminho para documentar a viagem de barco, os nomes das famílias e os lugares deixados para trás.

- Leituras de base: Lygia Sigaud, sobre os efeitos sociais de Sobradinho (1986); Ely Estrela, os beraderos antes de Sobradinho (*História & Perspectivas*, 2009); Amaral e Santos, a Velha Sento-Sé submersa (*Memória em Rede*, 2021); Dias e colegas, o PEC Serra do Ramalho hoje (*Retratos de Assentamentos*, v. 27, n. 1, 2024); Marques e colegas, *A construção e as consequências da barragem de Sobradinho* (Univasf, Memória das Lutas); Prefeitura de Serra do Ramalho, caderno pedagógico (2024)

18. A crise hídrica

O rio perde água. O desmatamento do Cerrado e das veredas, a expansão do agronegócio no oeste baiano, a perfuração de poços no Aquífero Urucuia e a perda das matas ciliares reduzem a vazão dos afluentes que alimentam o rio na seca. Na foz, sem as areias retidas pelas barragens, o mar avançou e engoliu o povoado do Cabeço e o seu farol.

- Gráficos da vazão do rio ao longo das décadas (dados da ANA)
- A transposição: da proposta de Marcos Antônio de Macedo, citada por Halfeld, ao Eixo Norte
- O farol do Cabeço: o mapa da foz em 1858 e hoje

19. O futuro: proteger o rio e descobrir o subsolo

A última sala pergunta ao visitante o que ele fará pelo rio: recuperar matas ciliares, proteger nascentes e veredas, conhecer a história para defender o território. O carste da região é um campo aberto para a espeleologia: a Serra do Ramalho tem dezenas de cavernas, e perto dela fica a Gruta do Padre, em Santana, com cerca de 16 km, a terceira maior do Brasil.

- Mapa das cavernas cadastradas e das que faltam explorar, com a SBE e o CECAV/ICMBio
- Turismo científico e espeleológico como futuro econômico da Serra do Ramalho

- Movimentos culturais e ambientais em defesa do Velho Chico; um mural de compromissos dos visitantes



Galeria do Sistema Água Clara, no carste da Serra do Ramalho. Ferreira et al. 2023, Diversity, CC BY 4.0.

Programa socioambiental

O museu não só conta a história do rio: trabalha para que ele continue vivo. O programa socioambiental dá ao museu uma função prática para os ribeirinhos e o liga ao movimento “Eu viro carranca pra defender o Velho Chico”, do Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco.

Frente	O que faz	Para quem
Alevinos	Produção e entrega de filhotes de peixes nativos do rio (curimatã, piau, matrinxã, surubim, conforme a viabilidade técnica) para repovoamento e piscicultura	Pescadores e comunidades ribeirinhas, com renda e segurança alimentar
Viveiro de mudas	Produção e doação de mudas nativas do vale, da Caatinga, do Cerrado e da mata ciliar	Produtores, escolas, prefeituras, comunidades
Matas ciliares	Mutirões de recomposição das margens e de lagoas marginais, com acompanhamento das áreas plantadas	Proprietários ribeirinhos e voluntários
Educação ambiental	Aulas no auditório, visitas ao viveiro e à estação de alevinos, campanha “Eu viro carranca” nas escolas	Estudantes e visitantes

- O viveiro e a estação de alevinos ficam na área externa do museu e viram também espaço de visitação
- Parcerias técnicas: Codevasf (que já opera estações de piscicultura no vale), Comitê da Bacia, Embrapa, colônias de pescadores e universidades

- Licenças necessárias: produção de alevinos e soltura no rio dependem de autorização ambiental, para não introduzir espécies ou linhagens inadequadas
- Se o viveiro Flor da Serra participar como fornecedor ou parceiro, formalizar a relação por convênio ou chamamento público, por se tratar de instituição pública
- Indicadores: alevinos entregues, mudas doadas, hectares de mata ciliar recompostos, famílias atendidas

Clube de Espeleologia do Oeste Baiano. O museu pode sediar um clube que explore, mapeie e proteja as cavernas da Lapa, da Serra do Ramalho e de Carinhanha. A região tem cavernas com fósseis de megafauna, como o tigre-dentes-de-sabre, e fauna subterrânea única, como o bagre cego *Rhamdia enfurnada*.

- Filiação à Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) e cadastro das cavernas na SBE e no CECAV/ICMBio
- Cursos de técnica vertical, segurança e resgate com instrutores credenciados
- Pesquisa em parceria com UFOB, UNEB e o Laboratório de Estudos Subterrâneos da UFSCar, que já estuda a Serra do Ramalho
- Formação de condutores locais para o turismo espeleológico, com regras de visitação
- Antes de fundar, verificar se já há grupo ativo na região, para somar em vez de duplicar

A urgência tem base científica: o artigo que descreveu o besouro de caverna *Coarazuphium bambui* (*Zootaxa*, 2022) já se refere à "região ameaçada da Serra do Ramalho", e um pseudoescorpião descrito ali em 2021 foi classificado como espécie ameaçada. Nas grutas, a chuva expõe e degrada os fósseis, que ficam também vulneráveis à retirada ilegal.

Conceito arquitetônico

A proposta é um museu baixo e sombreado, erguido sobre pilotis acima da cota de cheia, entre o morro e o rio, sob uma grande cobertura que lembra a tolda das barcas. Dentro, o visitante percorre as salas como quem desce o São Francisco, da nascente à foz, e termina num mirante voltado para o rio de verdade. É um ponto de partida para o termo de referência, não o projeto: este deve sair de concurso público.

O terreno. Quatro critérios orientam a escolha:

1. Estar a pé do Santuário e da orla, no eixo entre o morro e o rio, para receber o fluxo da romaria.
2. Ficar fora da área inundável ou acima dela. Em 18 de março de 2026, o rio em Bom Jesus da Lapa marcou 627 cm, acima da cota de inundação de 625 cm, segundo o Serviço Geológico do Brasil.
3. Ter área para o viveiro, a estação de alevinos e o estacionamento de ônibus de romeiros.
4. Ser público ou cedido, com vista para o morro. Vale também levantar se há algum edifício histórico da cidade que possa ser reaproveitado.

O clima manda no projeto. As máximas médias vão de 30 °C em junho e julho a 35 °C em outubro. Chove cerca de 700 mm por ano, quase tudo de novembro a março, e de junho a agosto praticamente não chove, justamente na época da grande romaria de agosto. Por isso o edifício precisa de sombra, ventilação cruzada e paredes de massa térmica, com poucas aberturas a oeste. A climatização fica restrita às salas de acervo sensível e à reserva técnica.

O partido.

Elemento	Ideia	Referência
Cobertura-tolda	Um grande telhado leve sobre todo o conjunto, com beirais largos e painéis solares	As toldas das barcas do São Francisco; o grande vão do Cais do Sertão, em Recife
Pilotis	Edifício elevado acima da cota de cheia; o térreo livre vira praça de sombra para os romeiros; as marcas das grandes cheias pintadas nos pilares	A cheia como parte da história contada
Pele vazada	Fachadas de cobogó em concreto pigmentado na cor do calcário, com desenho inspirado na caatinga ou nas carrancas	Cais do Sertão (Brasil Arquitetura, 2018), com 2.100 peças de cobogó criadas para a obra
Sheds de ventilação	Aberturas no telhado que puxam o ar quente para fora	A arquitetura de Lelé (João Filgueiras Lima) para a Rede Sarah
Pátios	Jardins internos de caatinga e cerrado com mudas do viveiro do museu, e um espelho d'água raso que refresca o ar	Os três biomas do rio
Mirante	Terraço voltado para o morro e o rio, para o pôr do sol, ao fim do percurso	A sala 19, "O futuro"
Materiais	Calcário e arenito da região, de fonte licenciada; tijolo de solo-cimento; madeira certificada; concreto aparente ocre	As três rochas da paisagem da Lapa

O percurso. A entrada é a "nascente". O Núcleo I, de geologia e pré-história, fica num pavimento semienterrado, como uma gruta, com a vitrine do tigre-dentes-de-sabre. As salas seguintes acompanham o rio até o mirante. As peças sensíveis, como os fósseis, as fotografias de Verger e os documentos, ficam num núcleo climatizado. A galeria da romaria se abre para a praça coberta.

O programa (ordem de grandeza, a detalhar no projeto):

Espaço	Área aproximada
Exposição de longa duração (19 salas)	2.000 m²
Exposições temporárias	300 m²
Recepção, loja, café e sanitários	400 m²
Reserva técnica e laboratório de conservação, no padrão do IPHAN	300 m²
Auditório de cerca de 150 lugares	250 m²
Educativo, oficinas e biblioteca	250 m²
Administração	150 m²
Base do Clube de Espeleologia e de pesquisa	100 m²
Total construído	**cerca de 3.750 m²**

Na área externa ficam a praça coberta, o viveiro, a estação de alevinos e o estacionamento de ônibus.

Na romaria. Nos dias de romaria, a praça coberta funciona como abrigo, com sombra, água, sanitários e posto de informação. O museu pode ter entrada livre, fluxo em sentido único e um circuito curto de 30

minutos para grupos grandes. Os pisos e acabamentos devem aguentar multidões, e a acessibilidade segue a NBR 9050.

Como chegar ao projeto. O caminho mais seguro e mais prestigioso é um concurso público nacional de arquitetura, organizado com o Instituto de Arquitetos do Brasil na Bahia (IAB-BA), tendo este conceito e o programa como termo de referência. Uma alternativa mais barata para a fase inicial é um estudo preliminar em parceria com uma faculdade de arquitetura, que ajude a captar recursos antes do concurso.

Estrutura e viabilidade

O museu já nasce com público, porque a romaria já traz o visitante até a porta: Bom Jesus da Lapa recebe romeiros e turistas o ano inteiro, com estimativas na casa de milhões por ano, e a visita ao museu pode entrar no roteiro de quem vem ao Santuário.

Estrutura física.

- Salas expositivas dos seis núcleos, com a sala de fotografia histórica
- **Auditório** para aulas, palestras e sessões de vídeo, com programa fixo para receber turmas de escolas e ensinar às crianças a história do rio
- Área externa de mata ciliar e Caatinga, com espécies nativas
- Biblioteca e reserva técnica para o acervo documental
- Loja e café, com as edições anotadas dos viajantes

Instituições mantenedoras propostas.

Instituição	Papel
Prefeitura de Bom Jesus da Lapa	Sede, pessoal, custeio e integração com a rede municipal de ensino
UNEB	Pesquisa, extensão, estágios e formação de professores e monitores
UFOB	Pesquisa em geologia, ambiente e história do Oeste baiano; apoio ao programa socioambiental
Santuário do Bom Jesus da Lapa	Integração com o roteiro da romaria, acervo devocional e ex-votos, divulgação aos romeiros

As quatro podem formalizar a parceria por acordo de cooperação, com assento no conselho do museu.

Fontes de manutenção (a detalhar em estudo de viabilidade).

Fonte	Como entra
Município	Sede, pessoal e custeio, em coparticipação
Estado e União	Ibram, PNAB, emendas parlamentares, Codevasf
Iniciativa privada	Patrocínio pela Lei Rouanet, parcerias e doações
Parques de energia solar da região	Contrapartida pela geração de energia no município, por acordo ou condicionante de licenciamento, destinada à manutenção do museu

Fonte	Como entra
Receita própria	Ingressos, loja, café, eventos no auditório
Participação social	Associação de amigos do museu e voluntariado

O estudo de viabilidade deve estimar o público anual a partir do fluxo da romaria, o custo de implantação e de manutenção e a parte de cada fonte.

Riscos e estratégia de implantação

O maior risco não está no conteúdo, mas na manutenção: muitos museus municipais são inaugurados e definham em poucos anos. Por isso o museu deve ser implantado em etapas, provando o público antes de construir.

Risco	Por que importa	Resposta
Escopo grande demais	19 salas diluem o percurso e encarecem obra e custeio	Uma tese central (“o rio como caminho”), 8 a 10 salas permanentes, o resto em exposições temporárias
Falta de acervo	Sem objetos, o museu vira painel e réplica e envelhece rápido	Levantamento de acervo e campanha de doações antes do projeto arquitetônico
Custeio e gestão	Sem equipe, verba anual e climatização, o museu fecha	Definir o gestor (fundação, OSC ou órgão municipal), a equipe mínima com museólogo e o orçamento anual; registrar no Ibram
Público da romaria superestimado	Romeiro tem pouco tempo e pouco dinheiro, e o fluxo se concentra em agosto	Localizar o museu no caminho entre a gruta e a orla, integrá-lo ao roteiro do Santuário, ingresso simbólico; o público escolar sustenta o ano inteiro
Contrapartida das usinas solares	Condicionante de licenciamento exige relação com o impacto; dificilmente cobre um museu	Patrocínio pela Lei Rouanet e programas de investimento social das empresas; serve à implantação, não garante custeio
Temas sensíveis	Coronelismo, Lamarca, quilombos, povos indígenas e reassentados geram disputa política	Conselho curatorial com historiadores e representantes das comunidades; narrativa factual e plural
Fatos não confirmados	Um erro na parede compromete a credibilidade	Nada vai para a exposição sem fonte verificada
Conservação no calor	Papel e fotografia degradam a 35 °C	Reserva técnica climatizada; originais frágeis expostos em réplica

Implantação em três etapas.

1. **Provar o público (ano 1).** Exposição temporária “Os viajantes e o rio” num espaço cedido, programa de aulas para as escolas da rede, série no Instagram e contagem de visitantes.
2. **Formalizar (ano 1 a 2).** Plano museológico conforme o Estatuto de Museus (Lei 11.904/2009), modelo de gestão, orçamento anual, diagnóstico do que já existe na cidade e parcerias com universidades e o Santuário.

3. **Construir por fases (ano 2 em diante).** Prédio com o auditório e os dois primeiros núcleos; os demais núcleos abrem conforme o acervo e a verba.

O nome também merece cuidado: verificar se “Museu do Rio São Francisco” já existe em outra cidade. “Museu do Médio São Francisco” diferencia e reforça a tese regional.

Caderno do trecho: de Carinhanha a Paratinga pelos viajantes

Entre Carinhanha e o Urubu (hoje Paratinga) o rio corre uns 200 quilômetros pela região do museu. Cinco relatos do século XIX descrevem esse trecho lugar por lugar. Os trechos em destaque estão reunidos aqui na ordem do rio, de cima para baixo, com as passagens mais marcantes realçadas. As citações em português do século XIX mantêm a grafia original; Halfeld vem da edição modernizada preparada para o museu; Burton e Wells, em tradução livre do museu.

Autor	Quando passou	Sentido	Obra
Halfeld	1852	Rio abaixo, medindo légua por légua	*Atlas e relatório* (1860)
Burton	26 set.–3 out. 1867 (Lapa em 1.º de outubro)	Rio abaixo, numa balsa de canoas, o “brigue Eliza”	*The Highlands of the Brazil*, vol. II (1869), caps. XVIII–XX
Wells	10–13 fev. 1875 (Lapa em 12 de fevereiro)	Rio abaixo, num ajoujo, na cheia	*Three Thousand Miles through Brazil*, vol. II (1886), cap. III
Sampaio	17–27 nov. 1879 (Lapa em 21 e 22 de novembro); volta a Carinhanha em dez. 1879	Rio acima, no vapor da Comissão Hidráulica	*O Rio de S. Francisco: trechos de um diario de viagem* (1905)
Comissão Milnor Roberts	1879–1880	Rio acima e de volta	*Relatorio* (1880), anexos de Orville Derby e de Theodoro Sampaio

1. Carinhanha e a Malhada

> **HALFELD, 1852**
>
> A vila de Carinhanha “é a primeira à beira do rio em território da província da Bahia e a cabeça da comarca do Urubu”, com duas igrejas, São José e Nossa Senhora do Rosário, 265 casas e 1.200 habitantes. Na outra margem, o arraial da Malhada tinha de 30 a 60 casas e uns 250 moradores, que viviam “do comércio fluvial, da criação, das plantações de algodão, mandioca, arroz, feijão, melões, melancias […] e do fabrico de telha e louça de barro”. O registro fiscal de Minas ficava no pontal da barra do Carinhanha, mas os soldados preferiam morar na Malhada, porque o pontal sofria das “maleitas, sezões ou carneiradas”.

BURTON, SET. 1867

O posto do pontal fora abandonado por causa das febres “chamadas carneiradas, que matam os homens como carneiros”. Na Malhada, “os moradores têm um ar de febre, e os lábios tão cor de bistre quanto o rosto. Mesmo assim, de dentro das casas ouvíamos cantoria e palmas, à moda da Guiné”. Carinhanha “é maior do que parece de quem vem rio acima: há umas 450 casas, nenhuma de sobrado”, e “a matriz de São José da Carunhanha lembra apenas um velho cupinzeiro, mas tem um sino que tocou para nós o Angelus”. No pontal, viu lajes de ardósia roxa de seis metros de comprimento.

WELLS, FEV. 1875

A cadeia era “uma enorme gaiola de varas e barro”, e os presos “tinham comida farta e, dos amigos de fora, conseguiam fumo, cachaça, violas”. Na partida, em 10 de fevereiro, os remeiros cantavam de pé, puxando os remos: “Adeus, Carinhanha! Adeus! Adeus, Mariquinha, minha benzinha!”

SAMPAIO, 24 A 27 NOV. 1879

“A antiga villa da Carinhanha, a ultima villa bahiana pelo S. Francisco acima”, sobre barrancas de 10 a 13 metros. O rio Carinhanha tem “aguas turvas, côr de café”. Na pedreira do Pontal se tira um xisto que imita ardósia; em Carinhanha viu “uma meza tão grande que podiam sentar-se a ella 16 pessoas”. Achou a vila “maior do que a do Urubú, e melhor ainda o aspecto das suas edificações”, com “as escolas bem frequentadas”, e admirou os chapéus de couro “imitando o conhecido chapeo de Manilha”, a 4 ou 5 mil-réis cada.

Na volta, em dezembro de 1879, encontrou outra Carinhanha: “estava de facto em poder dos assaltantes da Januaria”; “as auctoridades sumiram-se, e os criminosos e assassinos dominavam”. De noite, um valentão descarregou o bacamarte diante da casa onde ele dormia, “dizendo aos outros em ar de mofa que aquillo era para experimentar o engenheiro”.

COMISSÃO MILNOR ROBERTS, 1880 (ANEXO DE SAMPAIO)

Saindo de Carinhanha para o interior, a “serra calcarea da Malhada ou do Yú […] é abundante em olhos d’agua, rica em salitre e possue mui boa pedra de cal”, contornada por uma mata virgem de “não menos de 30 leguas quadradas”. A freguesia de Carinhanha tinha 10.893 almas em 1872 e já contava 104 pequenos engenhos de rapadura.

2. Rio abaixo até a Lapa

BURTON, 30 SET.–1.º OUT. 1867

Desembarcou na Volta de Cima para procurar o rio Ramalho dos mapas e achou “apenas uma vala, um riacho”. Abaixo, a Ilha do Medo, “outra lembrança dos dias sombrios e sangrentos”.

WELLS, 11 E 12 FEV. 1875

Passou por Barreiros e dormiu em Palma, “uma casa solitária”, cujos moradores tinham posto os pertences numa canoa, à espera de que a cheia os expulsasse. Na cheia, “longos trechos das margens, de milhas de extensão, estavam debaixo de água”, e as barrancas altas eram “coroadas de muitas choupanas e pequenas roças”.

3. Bom Jesus da Lapa

HALFELD, 1852

O arraial tinha “128 casas, com 250 habitantes fixos”, e a freguesia, perto de 6 mil almas. O serrote se eleva “a 53 metros acima do nível do rio”. A gruta “está transformada em templo para o culto divino, que infelizmente serve ao mesmo tempo para o enterramento dos mortos”. Pela abertura chamada *Varanda* “entram milhares de morcegos”. Lá dentro achou 35 °C e “uma atmosfera corrompida, úmida e quente”. Os moradores sofriam “das febres intermitentes a que chamam carneiradas, e de opilações”.

BURTON, 1.º OUT. 1867

“Visto do oeste, o Serrote mudou de forma para a de uma esfinge sem cabeça, ou um leão agachado, a comparação popular. […] É o mero esqueleto de uma montanha, deitado solitário sobre um plano morto”, com flancos “rendilhados e denteados como os arcobotantes de um templo gótico”. O povoado está “detestavelmente situado”; contou perto de 200 casas e calculou não menos de mil moradores. “Todo vendedor nos pedia remédio.” Viu romeiros partindo com um “Bom Jesus da Lapa vos guie!” e a fabricação de salitre ao pé do morro. Veredicto: “saímos do templo muito pouco impressionados, exceto pelo calor úmido”.

WELLS, 12 FEV. 1875

Na cheia, o barco “passou por cima das margens submersas, de cercas, roças e mato, e ancorou numa rua parcialmente alagada”. “A primeira visão desse enorme rochedo de calcário, que se ergue tão abruptamente de uma planície plana e alagada, é impressionante”: uns 55 metros de altura, “o cume eriçado de pináculos”, com mandacarus nas fendas. O padre, português, recebeu-o de tamancos na sua venda e só depois do almoço abriu a gruta: o crucifixo “de pintura espalhafatosa mas milagroso”, a lâmpada de prata e os ex-votos de cera.

SAMPAIO, 21 E 22 NOV. 1879

“A Lapa é um sanctuario e um prodigio da natureza.” Visto do rio, o serrote “parece antes uma lasca de rocha pousada sobre uma meza”; as pontas de pedra lembram “um desses immensos pagodes indianos, em ruinas”. Subiu o morro com Derby em quarenta minutos de “ascenção arriscadissima” e mediu o cume a uns 80 metros sobre o rio. Na gruta, uma “multidão andrajosa” de pedintes; lá dentro, “caminha-se por entre poças d’agua milagrosa que pinga vagarosa e incessante das pontas de stalactites”. “A fé o proclama, a natureza prodigiosamente o serve.” Ouviu também que os coronéis disputavam até o cargo de sacristão, porque as esmolas davam “para se fazerem eleições”.

COMISSÃO MILNOR ROBERTS, 1880 (ANEXO DE DERBY)

“A emersão mais notavel é o fantastico e alçado serrote do Bom Jesus da Lapa.” No serrote, Derby achou “alguns coraes imperfeitamente conservados”, que atribuiu aos gêneros *Favosites* e *Chaetetes* (identificação hoje duvidosa; ver sala 1).

4. Da Lapa ao Sítio do Mato e à foz do Corrente

HALFELD, 1852

O Sítio do Mato tinha “casa de oração e 36 casas”. Havia ali “uma barca construída de propósito para a travessia de pessoas, cargas e animais, dos quais leva seis de cada vez de uma margem à outra”.

BURTON, 1.º E 2 OUT. 1867

Pernoitou na ilha do Sítio do Mato, sob temporal, ouvindo “o grito do socó, parecido com o da onça”. O povoado era “uma linha de casebres de barro e três casas caiadas”; pelo curral e pela balsa passava o gado para Sincorá e a Chapada. As lagoas e ipueiras em volta “não recomendam o Sítio do Mato para futura capital”. Debaixo de um juazeiro encontrou, “em excelente estado, o bom e velho tronco” de prender presos.

WELLS, 13 FEV. 1875

“De madrugada passamos pelo Sítio do Mato, um pequeno povoado de casas espalhadas, construído no alto de uma barranca elevada; é um dos locais cogitados para a capital da há muito proposta nova Província do São Francisco.” Da Ilha do Medo, o piloto contou que índios ali “cobravam tributo de todos os viajantes que passavam, ou os massacravam”.

SAMPAIO, NOV. 1879

“Um povoado pobre, com umas cem casas construidas sobre uma barranca alta de cerca de 8 metros.” Foi difícil comprar lenha: “a lenha fica muito longe… e tirar lenha é serviço muito duro que não paga a pena”, respondiam, “quando ali bem á mão estava o peixe”. Na caatinga mediu uma barriguda de seis metros de circunferência.

5. O Urubu, hoje Paratinga

HALFELD, 1852

A vila ficava a 594 metros do rio, com 266 casas e três igrejas, Santo Antônio (a matriz), Rosário e São Gonçalo, e “731 fogos e 7.204 habitantes de ambos os sexos e de todas as cores” no distrito. “A vila teve antigamente o nome de Urubu de Cima, para distingui-la do Urubu de Baixo, que é a atual vila de Propriá.” As maiores enchentes subiram 10,3 metros e inundaram a parte baixa, perto da matriz.

BURTON, 3 OUT. 1867

A Ilha do Urubu, “com a forma de uma perna de carneiro”. A vila é “a habitual linha comprida e rasa”, com a Rua de São Gonçalo; calculou no máximo 300 casas e 1.600 a 1.700 moradores. O juiz de direito “queixou-se de ter perdido a memória vivendo num buraco desses”. “Tudo o que vemos denota pobreza, mesquinhez e abandono”, e “o majestoso São Francisco corre diante destes casebres”. E sentenciou: “Urubu não será capital. O porto é ruim, as terras inundam profundamente todo ano”.

WELLS, 13 FEV. 1875

"Vila de umas 3.000 almas e três igrejas", afastada do rio por uma planície alagada, com casas "certamente as melhores vistas até agora à beira do rio". Na venda, causou "tanta comoção entre os políticos da vila […] quanto se eu fosse um elefante amestrado". O coronel da "casa nobre" acabou convidando-o para jantar com a família.

SAMPAIO, 17 NOV. 1879

"O Urubú é uma villa pobre, das mais antigas do sertão e edificada em sitio elevado, mas sem belleza." A igreja de Santo Antônio, do começo do século XVIII, tinha "aspecto de ruina e de abandono", com morcegos e sepulturas recentes no assoalho: "o templo parece-nos uma ruina aproveitada para cemiterio". Duas ruas paralelas ao rio, a 400 metros da margem, por causa das cheias; a cadeia "pareceu-nos mais um gallinheiro", com um rapaz preso no tronco por furto de gado. O Urubu comerciava com Lençóis, na Chapada, e com a Januária.

As mesmas cidades em números

Lugar	Halfeld (1852)	Burton (1867)	Wells (1875)	Sampaio (1879)
Carinhanha	265 casas, 1.200 habitantes	c. 450 casas; 1.000 a 1.200 na vila	—	"maior do que a do Urubú"
Malhada	30 a 60 casas, c. 250 habitantes	uma rua de beira-rio e duas paralelas	—	registro de Minas
Bom Jesus da Lapa	128 casas, 250 habitantes fixos	c. 200 casas, não menos de 1.000	—	—
Sítio do Mato	36 casas	linha de casebres e 3 casas caiadas	casas espalhadas	c. 100 casas
Urubu (Paratinga)	266 casas; distrito com 7.204 habitantes	até 300 casas, 1.600 a 1.700	c. 3.000 almas	duas ruas paralelas ao rio

Números de viajantes são estimativas e medem coisas diferentes (vila, freguesia, distrito); servem para comparar olhares, não como censo. A diferença na Lapa entre Halfeld e Burton já intrigava Burton, que achou "muito incomum" a proporção de 128 casas para 250 moradores. Do relatório de Milnor Roberts, as descrições do trecho estão nos anexos de Derby e de Sampaio; o texto do chefe da comissão trata de navegação, níveis e obras.

- Fontes: Halfeld, *Atlas e relatório concernente à exploração do rio de S. Francisco*, 1860 (edição modernizada do museu); Burton, *Explorations of the Highlands of the Brazil*, vol. II, 1869, p. 276–301; Wells, *Exploring and Travelling Three Thousand Miles through Brazil*, vol. II, 1886; Sampaio, *O Rio de S. Francisco: trechos de um diario de viagem e A Chapada Diamantina*, 1905 (BBM/USP), cap. XIV–XVI e "Da Carinhanha a Monte Alto"; Roberts, *Relatorio*, 1880, anexos de Derby e Sampaio.
- Na sala: um mapa do trecho com os cinco percursos e as datas, as citações em painéis lado a lado por cidade, e as fotografias de Lutz (1912) como fecho: a Lapa que esses viajantes descreveram, fotografada trinta anos depois.

Pontos a verificar, acervo e próximos passos

A verificar nas fontes antes de ir para as paredes:

- A “romaria dos negros” de 1882, o derretimento de objetos para a obra e o nome Trívio Vila Nova
- A guerra dos Guimarães em Paratinga: datas, famílias e fontes
- As passagens exatas de Euclides da Cunha (“Meca do sertão”) e de Wells (“Meca do São Francisco”). Pista: a Revista Brasileira de Geografia (1943) atribui a Euclides a expressão “a Meca dos sertanejos”
- O papel de Noel Nutels nas missões de saúde do vale
- As fotografias de Lutz e Machado na Lapa (8 de maio de 1912): obter alta resolução, notação dos negativos e autor; as de J. Fontes (1946): localizar e verificar direitos
- A primeira fotografia do rio: autor, data e lugar
- Combatentes de guerras que passaram pelo vale
- O compositor de Bom Jesus da Lapa citado no áudio
- A chegada da expedição portuguesa à foz em 4 de outubro de 1501, dia de São Francisco, que deu nome ao rio: abre o percurso ou a sala da conquista
- Se o trecho de Sampaio sobre a capela da Lapa está em “O rio São Francisco” (Revista do IHGB, v. 167, 1932)

Acervo inicial.

- Edições anotadas já prontas: Gardner, Wells e Halfeld
- Cópias digitais do *Atlas* de Halfeld e dos relatórios da Comissão Hidráulica
- Carrancas, ex-votos, objetos de vapores, fardas e equipamentos da SUCAM, por doação ou empréstimo
- História oral: remeiros, romeiros, guardas da SUCAM, reassentados, quilombolas e indígenas

Parceiros possíveis. Prefeitura de Bom Jesus da Lapa, Santuário, Codevasf, IPHAN, Ibram, UNEB e universidades federais da região, Fundação Museu do Homem Americano (como referência de museu de território), SBE, ICMBio/CECAV, o IGHB, o IMS, a Fundação Pierre Verger, o historiador Flávio Dantas Martins (UFOB), o Laboratório de Estudos Subterrâneos da UFSCar, o Museu de Ciências da Terra do Serviço Geológico do Brasil, o Instituto Anchietano de Pesquisas (Unisinos) e as comunidades do rio.

Próximos passos.

- [ ] Encomendar o estudo de viabilidade: público, custos e fontes de manutenção
- [ ] Escolher o prédio ou terreno e a natureza jurídica (municipal, estadual ou fundação)
- [ ] Fechar a lista de salas e o tamanho de cada uma
- [ ] Levantar o acervo existente na região
- [ ] Escrever o projeto museológico para editais (Lei Rouanet, PNAB, Ibram)
- [ ] Lançar a provocação no Instagram com os temas das salas
- [ ] Contatar o Museu de Ciências da Terra (SGB) e o Instituto Anchietano para listar as peças da região e discutir empréstimo ou restituição

- ☐ Incluir no projeto do prédio a reserva técnica e os requisitos do IPHAN para instituição de guarda e pesquisa

Por que a Lapa precisa do Museu do Rio São Francisco?

Porque a Lapa está no meio do rio e no meio da sua história. Foi ali que pararam os viajantes, os vapores e os romeiros. A cidade guarda a gruta, o morro calcário e a memória do Médio São Francisco, mas não tem um lugar que conte essa história a quem chega e a quem nasce aqui.

O museu daria às crianças da região o conhecimento do rio de que dependem, aos romeiros uma razão a mais para ficar, aos ribeirinhos renda e mudas para as margens, e ao Velho Chico uma cidade que o defende.

Esta é a pergunta que o projeto deixa para as entidades, para os gestores e para a cidade: por que a Lapa precisa do Museu do Rio São Francisco?

Fontes consultadas

- Roberts, W. Milnor. *Relatorio … sobre o exame do Rio S. Francisco, do mar á cachoeira da Pirapóra*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880, com os anexos de Theodoro F. Sampaio (N.º 2) e Orville A. Derby (*Reconhecimento geologico do valle de S. Francisco*). Exemplar digitalizado da Biblioteca da Câmara dos Deputados
- Roberts, W. Milnor. *Relatorio … sobre o exame do Rio S. Francisco*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880 (Oliveira Lima Library)
- Diário de D. Pedro II, vol. 2: Viagem à Costa Leste (Bahia), out.–nov. 1859. Museu Imperial
- Costa, Ivoneide de França. Rio São Francisco e a primeira intervenção para melhorar a sua navegação (1883–1897). *Odeere*, 2019
- *Revista Brasileira de Geografia*, centenário de Orville Derby, 1951
- Paula, Dilma Andrade de. A Comissão do Vale do São Francisco: planejamento e política pública nas décadas de 1940–1950, 2010
- Barros, Felipe Garcia de. Mário Travassos, o pai da geopolítica brasileira. *O Cosmopolítico*, 2021
- Costa, Dina Czeresnia. "Política indigenista e assistência à saúde: Noel Nutels e o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas". *Cadernos de Saúde Pública*, v. 3, n. 4, p. 388–401, 1987.
- Fiocruz. "Bom Jesus da Lapa, Bahia – Noel Nutels" (vídeo, 20 min, dir. Stella Oswaldo Cruz Penido, 2000). Acervo Noel Nutels, Casa de Oswaldo Cruz.
- Santos, Paulo Henrique Duque. "Veredas dos sertões da Bahia: economia e sociedade nos relatos de viajantes". *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 21, n. 1, p. 180–208, 2013.
- Outras Palavras — Memórias da vida no São Francisco (Sobradinho e Serra do Ramalho)
- Gruta do Padre — Wikipedia
- Comissão Hidráulica do Império (1879–1880) — Revista Projeto História, PUC-SP
- IBGE — Mar invade o rio na foz do São Francisco
- Halfeld, *Atlas e relatório* (1860), na edição anotada preparada para o museu
- Santa Maria, Frei Agostinho de. *Santuario Mariano*, tomo IX. Lisboa, 1722

- Pita, Sebastião da Rocha. *Historia da America Portugueza*. Lisboa, 1730, Livro VII
- Durão, José de Santa Rita. *Caramurú: poema épico*. Lisboa, 1781, Canto VII
- Neves, Zanoni. Os remeiros do São Francisco na literatura. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 1, 2003
- Lins, Wilson. *O Médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros*. Brasiliana, vol. 377
- Oliveira, Deocleciano Martins de. *Os romeiros: romance*. 2.ª ed., Conquista, 1973
- Abreu, J. Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500–1800)*. 1907
- Lei n.º 15.197, de 5 de setembro de 2025
- Santuário — documentário *Lapa do Bom Jesus* (2023)
- Marques et al. A construção e as consequências da barragem de Sobradinho (Univasf)
- Retratos de Assentamentos, v. 27, n. 1, 2024 — PEC Serra do Ramalho
- Prefeitura de Serra do Ramalho — caderno pedagógico (2024)
- Canoa de Tolda — Terra Roubada
- Canoa de Tolda — Terra Prometida
- 44.ª Mostra de São Paulo — Sobradinho (2020)
- Cinelatino — A Cidade do Futuro (2016)
- Spix, J. B. von; Martius, C. F. P. von. *Reise in Brasilien*, vol. 2. Munique, 1828, p. 582–585
- Burton, R. F. *Explorations of the Highlands of the Brazil*, vol. II. Londres, 1869, cap. XVIII–XX
- Sampaio, Theodoro. *O rio de S. Francisco: trechos de um diário de viagem e A Chapada Diamantina*. São Paulo, 1905
- Arraes, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco. *Anais do Museu Paulista*, v. 21, n. 2, 2013
- Doria, S. Z. O Quilombo do Rio das Rãs. *Terra de Quilombos*, ABA, 1995
- Silva, João Marques da. Dissertação sobre o Rio das Rãs (UFG, 2015)
- CPI-SP — Terra Quilombola Rio das Rãs
- Notícias da Lapa — acordo de titulação quilombola (2026)
- iPatrimônio — Quilombo Tomé Nunes, Malhada
- Paratinga — Wikipedia
- Museu da TV — Sá e Guarabyra
- Festival Internacional da Canção 1967 — Wikipédia
- Guarabyra, “O filho do pastor” (ABCD Real)
- Estado de Minas — despedida de Sá & Guarabyra (2025)
- Notícias da Lapa — morte de Zeca Bahia (2018)
- IMS — A viagem das carrancas
- IMS — Sobre Marcel Gautherot
- IMS — O Brasil de Gautherot
- Blog do IMS — Gautherot volta a Paris
- Guimarães, F. Nery. Doenças encontradas nos romeiros de Bom Jesus da Lapa, Bahia. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 45, n. 1, p. 211–251, 1947 (Arca/Fiocruz)
- Lutz, Adolpho; Machado, Astrogildo. Viajem pelo rio S. Francisco e por alguns dos seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 1915 (BioStor / Internet Archive)
- Base Arch / Casa de Oswaldo Cruz — “Morro da Lapa visto de frente”

- Revista *Francisco* (UFOB) — Carrancas
- Poesia e mistério das carrancas de Guarany seguem vivas em Santa Maria da Vitória (2011)
- Enciclopédia Itaú Cultural — Mestre Guarany
- A viagem das carrancas (IMS e Pinacoteca, 2015–16)
- Segala, Lygia. A coleção fotográfica de Marcel Gautherot. *Anais do Museu Paulista*, v. 13, n. 2, p. 73–134, 2005
- Cassimiro (2019) — Registros fotográficos históricos do Santuário de Bom Jesus da Lapa
- Correio — João Machado e a romaria a Bom Jesus da Lapa (2023)
- Library of Congress — Riedel, Bom Jesus de Lapa (1868–1869)
- CBHSF — A bacia do rio São Francisco
- Jesus (2024) — Das lágrimas de Aiti aos diversos sonhares do povo Tuxá
- Silva et al. (2019) — Pleistocene tetrapods from caves of southwestern Bahia
- Serra do Ramalho — Wikipedia
- Levantamento bibliográfico em periódicos sobre o rio São Francisco: referências completas, por tema
- Índice geral da Revista do IHGB, 1839–1998
- Silva et al. (2019), PDF com o tombo dos fósseis no MCTer
- Museu do Cerrado — Serra do Ramalho
- Instituto Anchietano de Pesquisas — catálogo do acervo
- Portaria IPHAN 196/2016 — resumo (Demarest)
- Cruz e Alkmim (2006), The tectonic interaction between the Paramirim Aulacogen and the Araçuaí Belt, Anais da Academia Brasileira de Ciências
- Schobbenhaus (1996), As tafrogêneses superpostas Espinhaço e Santo Onofre, Estado da Bahia, Revista Brasileira de Geociências, v. 26, n. 4
- Serviço Geológico do Brasil — boletim do São Francisco, 18 mar. 2026
- Climatempo — climatologia de Bom Jesus da Lapa
- MCHAP — Cais do Sertão, Brasil Arquitetura
- Agência Brasil (2020) — câncer em preguiça da Lapa dos Peixes
- Trifilio, Araújo-Júnior e Porpino (2023), anais do 37º CBE
- Agência Brasil (2025) — reforma do Museu de Ciências da Terra
- Rubbioli (2003) — O potencial espeleológico da Serra do Ramalho
- Pseudoescorpião ameaçado da Serra do Ramalho (Subterranean Biology, 2021)
- Tricart, J.; Silva, T. C. (1960). An example of karst evolution in a dry tropical environment: the Bom Jesus da Lapa hill. *Zeitschrift für Geomorphologie*, 4, 29–42